

EURICO RAMOS



# REVENDO O CANDOMBLÉ

respostas às mais frequentes perguntas sobre a religião

*Mauad X*

O livro *Reverendo o Candomblé*, do babalorixá Eurico Ramos, atende a maior demanda atual referente ao candomblé. Vivemos, desde há muito, um verdadeiro surto de analfabetismo em relação a esta tradição de raízes ancestrais. Por um lado, nosso mundo judaico-cristão legou-nos uma visão perversa acerca do candomblé. Este foi taxado como religião demoníaca, fruto de um povo inferior de matriz africana. Para os cristãos, até o século XVIII, o negro não tinha alma humana, era classificado como “macaco sem rabo”. Somente através do batismo, ele se humanizaria e poderia ser digno da salvação divina. Portanto, destruindo seus cultos e difamando seus orixás, eles poderiam evoluir e ganhar a alcunha de filhos de Deus, caso se convertessem ao cristianismo. Por isso, até Exu virou diabo!!! Por outro lado, o interesse sempre renovado de intelectuais pelo candomblé o transformou por vezes em objeto de museu a ser conservado, mas não apropriado e vivenciado. Contra essas posturas age *Reverendo o Candomblé*. Ele introduz o leigo no universo mágico e estético dessa tradição em que dança, música e natureza se dão as mãos e a celebração à vida passa a ser o preço pago para se adorar a Deus. Quiçá este livro contribua para que o Brasil, que tem alma mestiça, possa ver o candomblé como um tesouro e não como um inimigo a ser abatido, como pensam pastores e padres até hoje.

Alexandre Marques Cabral  
Teólogo e filósofo

EURICO RAMOS

REVENDO O CANDOMBLÉ  
respostas às mais frequentes perguntas sobre a religião

Copyright © by Eurico Ramos, 2011

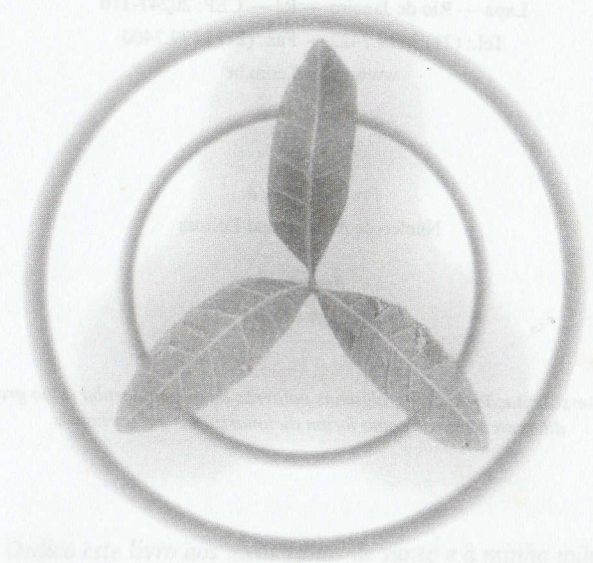
**EURICO RAMOS**

Divisão de Edição e Circulação  
MAUAD Editora Ltda.

Rua Leopoldina, 98, 7. andar

Av. Rio de Janeiro, 150 - CEP: 20241-110

Ed.: 1.ª Edição, 2011



# REVENDO O CANDOMBLÉ

respostas às mais frequentes perguntas sobre a religião

1. Candômbé - O que é? Onde se pratica? 1.ª Edição, 2011  
 2. Candômbé - O que é? Onde se pratica? 1.ª Edição, 2011  
 3. Candômbé - O que é? Onde se pratica? 1.ª Edição, 2011  
 4. Candômbé - O que é? Onde se pratica? 1.ª Edição, 2011  
 5. Candômbé - O que é? Onde se pratica? 1.ª Edição, 2011  
 6. Candômbé - O que é? Onde se pratica? 1.ª Edição, 2011  
 7. Candômbé - O que é? Onde se pratica? 1.ª Edição, 2011  
 8. Candômbé - O que é? Onde se pratica? 1.ª Edição, 2011  
 9. Candômbé - O que é? Onde se pratica? 1.ª Edição, 2011  
 10. Candômbé - O que é? Onde se pratica? 1.ª Edição, 2011

*Mauad X*

Copyright © by Eurico Ramos, 2011

Direitos desta edição reservados à  
MAUAD Editora Ltda.  
Rua Joaquim Silva, 98, 5º andar  
Lapa — Rio de Janeiro — RJ — CEP: 20241-110  
Tel.: (21) 3479.7422 — Fax: (21) 3479.7400  
www.mauad.com.br

*Projeto Gráfico:*  
Núcleo de Arte/Mauad Editora

*Revisão:*  
Bárbara Mauad

*OBS.: Por solicitação do autor, algumas palavras de origem iorubá estão grafadas  
diferentemente de como foram dicionarizadas em português.*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

R142r

Ramos, Eurico

Revedo o Candomblé : respostas às mais frequentes  
perguntas sobre a religião / Eurico Ramos. - Rio de Janeiro:  
Mauad X, 2011.

120p. ; 14 x 21cm

Contém glossário

Inclui índice

ISBN 978-85-7478-365-9

1. Candomblé. 2. Cultos afro-brasileiros. I. Título.

11-2320.

CDD: 299.67

CDU: 259.4

### Agradecimentos

A professora Ruth (ex-madrinha), fundadora do curso  
Brasil-Nigéria, por ter me auxiliado a compreender a dialética  
candomblé.

A Rosalinda de Ayra (ex-madrinha), meu primeiro de mestre,  
por todo o carinho e respeito que sempre teve por mim.

A Namberto de Odê (ex-madrinha), conhecido como "Odê"  
por sempre compreender e respeitar as diferenças  
candomblé.

A dona Maria Ramos Bumbê (ex-madrinha) - esposa da  
dona Elza, esposa do Exuperio Velho - por todos os ensinamentos  
e ensinamentos que me contou durante a minha juventude,  
que me possibilitou conhecer a fundo a história do Exuperio  
e, consequentemente, uma boa parte da verdadeira história  
candomblé da nação baía no Brasil.

Dedico este livro aos meus filhos de santo e à minha mãe de santo,  
dona Elza de Yemanjá - Omi t'Ogúm

### *Agradecimentos*

À professora Ruth (*in memoriam*), fundadora do curso Brasil-Nigéria, por ter me auxiliado a compreender a dialética iorubana.

A Reinaldo de Ayrá (*in memoriam*), meu padrinho de orukó, por todo o carinho e respeito que sempre teve por mim.

A Humberto de Odé (*in memoriam*), conhecido como “Odéssi de Cabuçú”, filho de santo de Yá Nitinha de Oxum, sem o qual eu não teria compreendido os conceitos mais profundos que existem no candomblé.

À Dona Maria Ramos Bamboxê (*in memoriam*) – egbomi Maricas, da Casa Branca do Engenho Velho –, por todos os casos, lendas e passagens que me contou durante a minha juventude, o que me possibilitou conhecer a fundo a história do Engenho Velho e, conseqüentemente, uma boa parte da verdadeira história do candomblé da nação ketu no Brasil.

## Sumário

**Prefácio – Mãe Stella de Oxóssi — 13**

**Com a palavra, o autor — 15**

**I - Para começar a entender o candomblé — 17**

O que é realmente o candomblé? — 17

O que é a nação ketu e qual a sua importância hoje no Brasil? — 17

Por que o candomblé é uma religião? — 18

Quais são as diferenças entre a umbanda e o candomblé? — 19

O que é o Bará? — 21

O que são os orixás, segundo a tradição ketu? — 22

Como são as indumentárias dos orixás? — 23

O que são as qualidades dos orixás? — 26

Qual é o significado dos fios de contas? — 29

Qual é o significado do uso das folhas? — 32

Qual é o significado das comidas de santo? — 36

Qual é o significado do xirê? Por que as pessoas dançam e giram em sentido anti-horário, em torno do pilar central do barracão? — 38

Qual é a importância das cantigas de orixá? — 40

Como se divide um ilê axé e por quê? Qual é o significado dos quartos de santo? — 41

O que é o jogo de búzios e para que serve? — 42

O que são os Odu Ifá? — 43

O que são os ebós? — 44

Qual é o significado dos ibás (assentamentos)? — 45

Quais são os elementos da porteira de um ilê axé? — 46

## **II - Para entender mais sobre o candomblé — 49**

- O que é ter cargo sacerdotal? — 49
- Qual é a necessidade da feitura de santo? — 53
- Quais são os ritos de iniciação de um iaô no candomblé e seus respectivos estágios iniciáticos? — 54
- Qual é o significado do kelê? — 57
- O que é realmente ser um babalorixá? — 57
- O que são os cargos num ilê axé? — 58
- Deká e oyê: quais as diferenças? — 59
- O que são realmente ogãs e ekédes e quais suas funções? — 60
- O que são os abiku e os abiaxé? — 61
- O que é necessário para se abrir um novo ilê axé? — 62

## **III - Para entender mais sobre a seriedade do candomblé — 63**

- Qual é a importância de se conhecerem lendas e mitos sobre os orixás? — 63
- Qual é a importância da água no candomblé? — 64
- O que representam as festas tradicionais nas casas de ketu? — 66
- O que é o culto a Egungun? — 66
- O que é o culto aos Pássaros? — 70

## **IV - Para compreender as diferenças que existem no candomblé — 73**

- Qual é a diferença entre as nações do candomblé? — 73
- O que são orixás, inkices e voduns e qual é a diferença entre seus rituais? — 74
- Orukó e dijina: são a mesma coisa? — 76
- O que é “candomblé tradicional”? — 76

## **V - Para discutir questões polêmicas sobre o candomblé — 79**

- Exu e pombagira no candomblé? Isso é possível? — 79
- Caboclos e pretos-velhos no candomblé? Isso é possível? — 80
- Babalorixá – sacerdócio ou profissão? — 81
- Cobrar ou não cobrar? O que é certo? — 82

Como manter um ilê axé? — 83

Fui “marmoteado”! O que fazer depois disso? — 84

Quando se troca de casa: como e por que isso acontece? — 86

Por que o sacrifício de animais é necessário? — 88

Ebó e simpatia: qual é a diferença? — 90

Existe feitura de santo errada? — 92

Despachar santo: certo ou errado? — 94

Livros sobre o candomblé: necessários ou desnecessários? — 95

Ética: ainda existe nos dias de hoje? — 97

Existe realmente o dia de Obará? — 97

Candomblé e ecologia combinam nos dias de hoje? — 98

Por que ainda existe tanto preconceito contra o candomblé? — 99

Recentemente, foi aprovada uma lei que obriga as escolas públicas a ensinar a História da África nas salas de aula, no Ensino Fundamental. Qual é a sua opinião sobre isso? — 100

Qual é a conduta que se deve ter num ilê axé? — 100

As gafes: o que não se deve fazer numa casa de candomblé? — 101

## **Glossário — 105**

## Prefácio

O Orixá nos chama, nós atendemos ao seu chamado e vamos servi-lo. Fazemos nossa iniciação, mudamos de situação espiritual, nos tornamos Omo-orixá.

A responsabilidade é grande, tanto social como espiritual, e é com base nesse aspecto que Eurico Ramos – um filho de Aganju, descendente da Casa Branca, onde tudo começou – nos transmite alguns ensinamentos. Filho da Casa Branca do Engenho Velho, por onde passaram os maiores mestres de nossa tradição e lá deixaram seguidores crentes e dedicados, Eurico é hoje uma autoridade no assunto. Levado pela inspiração ancestral, e de seu orixá, é que o escritor se propôs a nos oferecer esta obra, que tem muito valor para os iniciados e praticantes da religião dos orixás. A forma discreta, clara, objetiva e esclarecedora é uma maneira didática com que o autor se expressa.

*Revendo o candomblé* é uma boa chamada para a continuação da leitura. O esclarecimento sobre as nações a partir da nossa, “ketu”, conduz o leitor a uma noção desta e das demais, induzindo-o a respeitá-las e valorizá-las, levando, dessa forma, o olorixá ao caminho da perfeição.

Como diz o escritor, candomblé ou culto aos orixás não é somente Xirê, que mostra a plástica e o lúdico da nossa religião. Não é a exposição de ebós, de forma aleatória, aos que nada entendem, como animais mortos e expostos pelas ruas.

Temos práticas internas de grande valor e que exigem recolhimento. Aliás, para o iniciado consciente, o nosso dia a dia é todo ritualizado.

Com muita propriedade, o autor também nos esclarece sobre procedimento social e religioso, em nossa casa e fora dela, qual

a forma de recebermos e de nos apresentarmos em outras casas, inclusive como deve ser o traje – o que deve ser lido com muita atenção.

De forma inteligente nos é mostrado que nossa escola é o Axé, e que os nossos mestres são os nossos mais velhos.

Vimos, neste trabalho, que candomblé é uma religião e que a diferença entre o candomblé e a umbanda é grande, como a teologia, as vestimentas e tantos outros aspectos. O texto sobre alguns encantados e Ori é bem explicado, passando inclusive pelas folhas como elemento essencial ao culto dos orixás, seu uso e alguns elementos como a água, o que é um rio, um oceano, uma fonte, a energia que emanam e como devemos tratá-los. Ao valorizarmos os símbolos, a comida de santo está incluída entre eles – o valor desde o seu preparo, até quando é retirada dos pés do orixá, onde devemos colocá-la, prova que devemos nos preocupar com o meio ambiente.

O autor explica de forma clara como e quando um Ilê Axé deve ser aberto e por quem. Fala sobre hierarquia, que é a mola-mestre de todo Ilê Axé. Fica bem claro neste trabalho que o culto aos orixás é uma religião, e seu templo é lugar para rituais e concentração espiritual. Não é um clube que se possa trocar por qualquer mal-entendido; mostra que devemos viver para o orixá e não do Axé. Babá e iyalorixá são autoridades supremas, todos lhes devem respeito. Candomblé é causa, não é profissão.

São diversos lembretes, interessantes e sérios, e é com muita propriedade que o autor nos passa esses ensinamentos.

Daí recomendo que leiam e presenteiem com este livro. Vale a pena!

Salvador, 16 de agosto de 2004

*Maria Stella de Azevedo Santos  
Yá Stella de Oxóssi, Odé Kayodê  
Yalaxé do Axé Opô Afonjá/BA*

## Com a palavra, o autor

A ideia de escrever este livro nasceu a partir de programas de rádio que tenho a oportunidade de apresentar no Rio de Janeiro, e também da participação em fóruns e salas de bate-papo na internet que discutem o tema “candomblé”. Após alguns anos conversando com ouvintes no ar, visitando *chats* e teclando *on-line* com pessoas de todas as regiões do país – adeptos, simpatizantes e curiosos –, rapidamente percebi que, apesar de toda a popularização das religiões afrodescendentes, de toda a informação a que temos acesso nos dias de hoje, de todas as publicações disponíveis em livrarias, bibliotecas e também na *web*, as dúvidas das pessoas continuam as mesmas – o que é bastante curioso por um lado e muito preocupante por outro.

Curioso, porque, além das informações ao alcance de todos, o número de praticantes aumentou muito nas últimas décadas, em todas as regiões do país; preocupante porque, se temos hoje um número maior de adeptos e o advento considerável de novas casas de culto, por que ainda existem tantas dúvidas – que considero básicas – a respeito da religião dos orixás?

As conclusões a que cheguei certamente não agradarão a muitos, mas pude comprovar, através dos próprios participantes desses *chats* e dos ouvintes que telefonam para o meu programa, que o problema tem causas antigas, sendo uma delas – e talvez a pior de todas – o total despreparo de boa parte dos sacerdotes de hoje com relação ao que é, de fato, o culto aos orixás. Muitos conceitos foram misturados ao longo do tempo, muitas coisas que simplesmente não existem foram acrescentadas ao culto, e de tal forma isso afetou o universo do candomblé que não se conhecem mais os limites entre o culto real – extremamente lógico e comple-

vos que aqui chegaram em tempos mais longínquos, como as tribos de origem banto. As tribos de Angola/Congo sofreram repressão, escravidão, influência dos padres jesuítas da Igreja Católica, dos índios e de diversas outras culturas durante um período maior e por esses motivos perderam muito de sua essência – o que não aconteceu com as tribos ketu e com as tribos jeje. Por falar nas tribos jeje, estas, inclusive, buscaram um regresso às terras africanas depois da Abolição.

As tribos ketu tiveram suma importância na cultura nacional e isso é observado de forma bem clara na Bahia, em Salvador. Posteriormente, já em meados do século XX, ocorreu o mesmo aqui no Rio de Janeiro, quando alguns remanescentes dessa nação começaram a aportar na nossa cidade. As tribos ketu eram muito guerreiras, muito interligadas e primavam por manter vivos o seu idioma, as suas danças e toda a sua cultura, o que podemos constatar até os dias de hoje – características que muito se perderam em outras nações.

### *Por que o candomblé é uma religião?*

Qual é o conceito de religião, quais são os parâmetros para se reconhecer o que é uma religião? Religião existe quando há um culto prestado a uma divindade, a um ser supremo; é o conjunto de dogmas, práticas e rituais próprios de uma crença religiosa específica; é qualquer filiação a um sistema específico de pensamento ou crença que envolve uma posição filosófica, ética e metafísica. Isso está no dicionário, é assim que se define *religião*.

Portanto, o candomblé é uma religião porque possui filosofia, mitologia, comidas, indumentária, ritualística, códigos de conduta e idioma próprios – iorubá, nas casas de ketu, kimbundo nas casas de angola, fon nas casas jeje. O candomblé possui as suas roupas próprias, as suas indumentárias litúrgicas – a roupa do santo, abadá, roupa de ração, etc. Tem a sua cultura e tradição, *modus vivendi*, *modus operandi*. Enfim, o candomblé tem a sua liturgia própria, não devendo nada a religião alguma. Por esse motivo, o candomblé é visto como uma religião, monoteísta.

### *Quais são as diferenças entre a umbanda e o candomblé?*

Este é um tema muito polêmico e interessante, e podemos falar sobre os aspectos gerais que diferenciam os dois segmentos.

A umbanda é recente. Foi fundada aproximadamente em 1910, em Niterói, Rio de Janeiro, por um caboclo manifestado. A principal diferença entre a umbanda e o candomblé é a seguinte: o candomblé é uma religião, ou seja, possui seu próprio idioma, seus costumes, suas danças e seus rituais. A umbanda – embora nos dicionários seja definida também como religião –, a meu ver, é muito mais uma seita, que emprega terminologias da língua portuguesa mescladas ao dialeto kimbundo, ao tupi-guarani e a termos oriundos do espiritismo kardecista. Entendo a umbanda como uma seita porque não tem costumes próprios, não tem liturgia própria. Tudo que é professado na umbanda em termos ritualísticos e litúrgicos é uma desinência do candomblé e de outros cultos. Por isso, não a reconheço como uma religião, e sim como uma seita. Essas diferenças precisam ficar bem claras.

A umbanda é mais voltada ao culto dos espíritos desencarnados, estejam eles em evolução ou não. O candomblé cultua as energias da natureza contidas nos quatro elementos, a saber: energia telúrica (terra), energia térmica (fogo), energia hídrica (água), energia eólica (ar) – isso, mais especificamente, nas casas de raiz ketu.

No candomblé, o orixá se *manifesta* (de dentro para fora). Na umbanda, o espírito *incorpora* (de fora para dentro). A nível vetorial existe uma grande diferença entre os dois tipos de manifestação, ou seja, uma diferença direcional: uma é de *fora para dentro*, a outra *de dentro para fora*. Por esse motivo, em alguns momentos umbanda e candomblé chegam mesmo a se antagonizar. Enquanto na umbanda cultuam-se espíritos desencarnados, no candomblé, ao contrário, utilizamos determinados elementos litúrgicos (contra egun) para manter os espíritos de desencarnados afastados do nosso ará (corpo).

Por isso, a energia emanada na umbanda é muito diferente daquela emanada no candomblé. *De dentro para fora* significa que a energia do orixá mora em cada um de nós, e se manifesta tornando-se “visível”. *De fora para dentro* significa que o nosso corpo é “tomado” por um espírito que não faz parte da nossa essência original.

Outra grande diferença é que a umbanda vem, lentamente, assumindo costumes do candomblé. No entanto, na umbanda não existe a manifestação de orixá. Na umbanda, o que ocorre é a incorporação de espíritos que se relacionam, por algum motivo, com um determinado orixá africano, pois orixá não fala, não dá consulta, não bate continência, não conhece copo d'água, não dá passes, etc.

Um bom exemplo disso é o modo como se deve proceder quando uma pessoa vem da umbanda para o candomblé com um histórico de incorporação de espíritos desencarnados. O erê, por exemplo, sempre é batizado em ritual litúrgico quando vem para o candomblé. Para nós, o erê é o que podemos chamar de “resto do orixá”, cuja manifestação é mais “leve”, por assim dizer, do que a manifestação do próprio orixá. A criança de umbanda não; esta é, na verdade, um espírito infantil desencarnado. Como podemos ver, são coisas bem distintas.

Na umbanda, o médium é bastante “livre” e estará apto a incorporar qualquer entidade que tenha afinidade com ele. De modo completamente diferente, quando o indivíduo é iniciado no candomblé, passará por uma série de preceitos e ebós que, lentamente, irão fechando suas aberturas no ará. Por conseguinte, tais espíritos desencarnados ficarão quase que “impossibilitados” de se manifestar novamente naquele corpo, porque os ebós do candomblé (ortodoxo) afastam toda e qualquer energia ligada a espíritos desencarnados. Portanto, depois de uma feitura, é muito natural que as entidades de umbanda fiquem mais afastadas do médium do que antes.

Até os anos 1960, nas casas de candomblé só eram tolerados os caboclos como remanescentes da umbanda e por serem considerados espíritos “encantados”. Já no final dos anos 1970, as entidades denominadas exus de umbanda passaram a ser admitidas nas casas de candomblé com maior frequência. No entanto, o exu Marabô que se manifesta na umbanda nada tem a ver com o Barabô do candomblé, porque este último “não vira na cabeça de ninguém” (não incorpora, não manifesta). E até os dias de hoje, nos candomblés tradicionais, não são toleradas e nem admitidas as manifestações de pretos-velhos e afins.

Por esses motivos, na minha opinião, a umbanda deveria cultuar somente os pretos-velhos, caboclos e espíritos em evolução. Deveria deixar o culto aos orixás somente para o candomblé.

### *O que é o Bará?*

Bará: este é um assunto extremamente polêmico. A tradução literal da palavra *bará* – que é grafada em iorubá como “gbara” e que se pronuncia “bará” por ser uma palavra oxítônica, ou seja, acentuada na última sílaba, e não “bára”, como é dito frequentemente aqui no Rio de Janeiro – é *senhor do movimento*. Este é o conceito professado na Casa Branca do Engenho Velho e foi preservado até os nossos dias, sendo transmitido dessa forma a todos os seus descendentes.

Portanto, o bará é o próprio movimento, é a energia cinética, é todo e qualquer ato de mover qualquer forma, qualquer matéria física e qualquer coisa concreta. O bará é, essencialmente, a energia cinética de cada orixá. Seguindo essa linha de raciocínio, vamos citar como exemplo a orixá Oxum. Oxum é a água doce, a água dos rios. Quem veicula o movimento dessas águas, a correnteza dos rios, é o bará de Oxum, ou seja, ele é o *próprio movimento das águas*. Pode-se dizer que Oyá é o ar, as correntes atmosféricas, os ventos; quem faz o ar mover-se é o bará de Oyá – que está estreitamente ligado à fertilidade, pois as sementes são espalhadas pelos ventos. O bará de Oyá é quente, volátil e bastante difícil de ser cultuado, assim como o próprio vento. Podemos usar o mesmo exemplo com relação à Yemanjá, que é a água do mar, o oceano. As correntes oceânicas, as ondas, as ressacas marítimas são o movimento de Yemanjá, e quem faz essas águas salgadas se moverem é o bará de Yemanjá.

Deve-se lembrar também que especificamente nas casas mais ortodoxas, cuja nação professada é o ketu, todo bará, tanto o dos orixás femininos como o dos masculinos, sempre é uma figura masculina. O que eu estou querendo dizer é que, erroneamente, há quem pense que se o orixá é feminino, a energia cinética deste é também feminina, quando, na realidade, não é nada disso. Bará, o senhor do movimento, é comum para orixás masculinos e femininos, para as iabás e para os oborós.

Também é interessante esclarecer que bará, o senhor do movimento, a energia cinética, no candomblé das casas de ketu, nada tem a ver com as entidades de umbanda, os exus de umbanda como Tranca Rua, Maria Padilha, Maria Mulambo. Essas são *entidades*, espíritos que estão em evolução, ou não, mas pertinentes a um outro culto, ao culto da umbanda.

Ou seja, o bará é *todo e qualquer movimento*. Já ouvi traduções dizendo que bará seria “o rei do corpo”, mas esta é uma tradução deturpada do idioma iorubano. Primeiro, porque “bará” é uma palavra só. Para que fosse “rei do corpo”, teria que ser uma contração de “obá” mais “ará”, quando, na realidade, não é isso. Em termos poéticos, pode-se dizer que o bará é o senhor do movimento. Ainda me lembro de egbomi Maricas, que me ensinava esse conceito dizendo: “*Quem faz ocê ir pra escola, é Exu. Quem faz ocê andar, correr, brincar, é Exu. É Exu que faz ocê ir de um lado pro outro. Sem Exu, ninguém sai do lugar*”. Foi dessa forma que, felizmente, obtive meu aprendizado: através das antigas yás.

### ***O que são os orixás, segundo a tradição ketu?***

Já foi dito que orixá é energia da natureza, que são ancestrais divinizados, isso e aquilo. Para ser mais preciso, podemos dizer que os orixás são as energias primais *encontradas* na natureza. Que energias são essas? A energia eólica (dos ventos), a energia telúrica (da terra), a energia hídrica (das águas) e a energia térmica (do fogo). Podemos aglutinar a essas energias também a energia elétrica da movimentação dos elétrons.

Os orixás são, essencialmente, essas energias, encontradas tanto na natureza, como dentro do corpo do próprio ser humano. Nós encontramos água dentro do nosso organismo, nós encontramos os alcalinos terrosos, os sais minerais, o ar, o oxigênio, a energia térmica – principalmente nos mamíferos. O núcleo de cada célula, em termos específicos, teria uma energia, ou emanaria um calor de quase 500 graus. Só que isso é dizimado a um número ínfimo porque a célula é microscópica. Então, nós também temos fogo dentro do nosso organismo.

Os orixás são essas energias, que circulam tanto na natureza, como dentro de todos os seres vivos. O orixá, diferente do espírito em evolução, está essencialmente dentro do indivíduo, além de estar presente em toda a natureza. O estado de transe mediúnico ocorre quando essa energia, ou uma dessas energias, *aflora* no corpo do seu filho, do seu elegend, ou do seu escolhido, a fim de mostrar, através de suas danças, qual é a sua função cinética na natureza em termos de vida e de movimento.

O orixá nada mais é do que uma divindade, que precisa ser cultuada no sentido de se cultuar a vida, ou seja, cultuar o nosso próprio corpo, a nossa própria existência. Toda vez que um orixá se manifesta, ele vem fazer, acima de tudo, a comemoração da vida dentro do corpo do indivíduo. E o orixá se comunica de forma bastante sutil, utilizando sons ou sinais. Já ouvi dizer que há orixás que dão consulta, falam, conversam e outras coisas. Orixá, na verdade, não faz nada disso. A não ser que não seja orixá, mas este é um aspecto que eu não pretendo comentar aqui.

### ***Como são as indumentárias dos orixás?***

Primeiro, eu gostaria de falar sobre o advento das indumentárias dos orixás no Brasil, ensinamento que me foi transmitido oralmente pelas antigas yás do Axé da Casa Branca do Engenho Velho, muitas das quais chegaram a conhecer os últimos tempos de senzala. Por que as roupas que se veem nos filmes e fotos dos orixás na África são diferentes das roupas que vemos aqui no Brasil? A resposta é muito simples: quando havia festa na senzala em louvor a um orixá, as mucamas, que também eram lavadeiras, simplesmente roubavam as roupas de gala da senhá da casa-grande, iam para a senzala e vestiam seus orixás com essas indumentárias. Isso é visto até os dias de hoje, porque, se observarmos bem as roupas das iabás – principalmente Oxum, Iansã e Yemanjá –, podemos notar que as roupas dessas orixás remontam ao Brasil-colônia, ao Brasil-império. O mesmo se aplica a Oxóssi, por exemplo, com aquele chapéu de caçador, que seria a figura do capataz da fazenda.

Na realidade, as indumentárias começaram a mudar dessa forma. Começou-se a vestir os orixás com as roupas da sinhá, com suas roupas de gala, anáguas, panos finos e tecidos caros. As próprias joias das sinhás serviam de adorno aos orixás manifestados na senzala. Quando acabava o candomblé, a mucama tratava imediatamente de lavar e guardar a roupa da sinhá – que nem imaginava que suas vestimentas caríssimas, seus tecidos de Lisboa, de Paris, na realidade, nas noites de lua cheia serviam para adornar os orixás africanos na senzala. Mas era assim que funcionava, e isso é visto até os dias de hoje. Essa é a grande diferença que há em termos de África e em termos de Brasil. Na África, o calor é muito forte, a temperatura é muito elevada, e os orixás se manifestavam praticamente sem roupa. No Brasil é que houve essa mudança.

Existem variações nas indumentárias dos orixás e estas passaram por algumas modificações, conforme a casa e a nação. Na verdade, essas indumentárias estão totalmente desvirtuadas, com raras exceções. A indumentária de Obaluaiê é, talvez, ainda hoje, a mais próxima do original, devido ao uso da palha da costa e também à sua ferramenta, que é o xaxará – símbolo e ícone de realeza, visto ser tal divindade também um rei. Aliás, a título de curiosidade, nas casas cujo padroeiro é Xangô, não se pronuncia o prefixo “obá” para Obaluaiê; suprime-se este prefixo – visto que, em terras Ketu, o único “obá” (rei) é Xangô –, chamando-se este orixá de Oluaiê.

No Axé do Engenho Velho, Xangô, Omolu e até Odé usam saio-te. Os demais oborós usam bombacho. No Axé Opô Afonjá, usa-se bombacho para os oborós, os orixás masculinos. Oxoguiã usa saio-te e um bombacho por baixo. No caso de Ogum, ele não conseguiria se movimentar bem com saio-te, devido à rapidez de suas danças. Por isso, sempre usa bombacho. A respeito de Ogum, há outro aspecto importante a ressaltar: até na umbanda as pessoas sabem que “a coroa de Ogum é o mariwô”. Não sei por que, em algumas casas de culto ainda insistem em colocar uma coroa de metal em Ogum, que lembra os capacetes dos soldados romanos – muito usado também para Oxoguiã. Na minha opinião, esses capacetes deveriam ser substituídos por um eketé, o que seria bem mais correto. Atualmente, esses capacetes também são usados para Logun Edé.

Ewá, além das roupas, enfeita-se com palha da costa. O mesmo se aplica à Oyá Ibalé.

Os paramentos dos orixás mudaram muito em relação ao que eram, originalmente, na África. Os paramentos de Oxum, por exemplo: quase não sobrou nada da indumentária original dessa orixá. Na África, Oxum, quando manifestada, usava poucas vestes, era adornada com folhas e usava o obebé. Aliás, o obebé é um dos poucos fetiches remanescentes das suas terras de origem.

Também podemos facilmente encontrar nas casas de candomblé a orixá Nanã ostentando uma “vassoura”. Sabemos que o fetiche, ou instrumento litúrgico, dessa orixá é o ibiri – instrumento alongado, que apresenta uma longa curvatura no final de sua haste, lembrando um grande sinal de interrogação. O ibiri é confeccionado com feixes de mariwô, presos com palha da costa, enfeitado com búzios e seria o símbolo dos eguns, de quem Nanã é a mãe, pois ela os “carrega” no colo e os embala no caminho do orun. Ela embala o ibiri, como as mães fazem com seus bebês. O ibiri tem um significado mágico. Representa a própria morte (elemento dominado por Nanã). Essa orixá usa muita palha da costa, assim como seus orixás-filhos, todos oriundos do antigo Daomé. Nanã usa cores que vão do lilás ao branco.

Em determinadas casas tradicionais, diz-se que, por causa da estreita relação de Nanã com Oxalá, uma das proibições de suas filhas seria o uso de roupas vermelhas e pretas. Em outras, afirmam que seria por causa da sua relação com as Eleyé – as senhoras do pássaro da noite. Existem fortes controvérsias sobre esse assunto. Fato é que, hoje em dia, podemos ver com certa facilidade Nanã dançar nos barracões ostentando uma vassoura nas mãos, em vez do ibiri.

Com relação a Xangô, por exemplo, um de seus símbolos é o oxê. O oxê de Xangô, antes de ser um símbolo de realeza, é também encontrado em vários cultos pagãos. Na mitologia nórdica, encontramos Thor, o deus do Trovão, que ostenta um “martelo” similar ao oxê de Xangô. Na mitologia grega, Zeus também ostenta um martelo estilizado, similar ao oxê de Xangô. Dizem as

antigas yás que o oxê era, na verdade, uma “muleta”, pois Xangô era “manco”. Esse orixá teria sido ferido em um combate, passando a apresentar um defeito físico. Realmente, o oxê tem um formato que permite que alguém se “apoie” nele, se for o caso. E contam também as yás que foi Ossãe quem confeccionou o oxê em madeira para que Xangô pudesse guerrear contra Ogum. O oxê deve ser confeccionado sempre em madeira, nunca em metal, pois assim manda a tradição.

Quanto ao xére, na África era confeccionado também em madeira e principalmente com cabaças de pescoço longo, apresentando sementes em seu interior que, ao serem sacudidas, imitam o som da chuva. Por esse motivo, sempre que Xangô se manifesta, tocamos o xére em sua homenagem. Se Xangô está presente, sempre há chuva (som do xére).

Passando a Oxalá: é importante ressaltar aqui a simbologia do opaxorô de Oxalufã, que é o símbolo da realeza desse orixá. Nele encontramos elementos que remontam à própria criação do mundo. Aliás, os símbolos do opaxorô são incrivelmente similares aos encontrados nas mesquitas islâmicas, devido aos vestígios do Islã que permaneceram na nossa religião até os dias de hoje. Essa influência islâmica pode ser observada em vários detalhes: nos torsos ou ojas nas cabeças, nos panos da costa, nas roupas em geral, no ato de se *prostrar* no chão em respeito a Oxalá, no caminhar ao redor do opô (pilar central do barracão), no fato de sexta-feira ser “dia santo”, tanto no islamismo quanto no candomblé. Como podemos observar, os vestígios do islamismo são facilmente encontrados no candomblé.

Também veio do Islã o hábito de se oferecer o carneiro a Xangô e a Oxalá, pois esse animal é muito apreciado naquela região da África.

### *O que são as qualidades dos orixás?*

Este é um assunto extremamente interessante, porque o tema *qualidade de santo* sempre abre espaço para debates importantes. Existem várias formas de se definir qualidade de santo e uma delas remonta simplesmente a fatos históricos: alguns orixás com características comportamentais e folclóricas muito parecidas passaram

a ser aglutinados em um único orixá, ou a uma mesma família de orixás, como consequência das guerras que assolavam o continente africano. Quando uma tribo invadia outra, a tribo que perdia a batalha ficava à mercê da tribo vencedora. Logo, o mesmo acontecia à sua divindade, que passava a ser uma “qualidade” de um orixá da tribo vencedora, ou, ainda, passava a fazer parte de um poema de Ifá, no qual um orixá se digladiou com outro e acabou perdendo a luta. Essa explicação serve para elucidar dois aspectos, tanto de qualidade de orixá, como poema de Ifá, mas vamos entrar neste último assunto mais adiante.

Também é importante explicar que as diferentes qualidades dos orixás, em determinados momentos, constituem o segmento do orixá principal, mas com uma pequena diferenciação, que individualiza esse orixá como sendo uma qualidade. Erroneamente, costuma-se dizer, principalmente no Rio de Janeiro, que existem qualidades de orixá que são metade uma coisa, metade outra. Isso é um absurdo, isso não existe, pois orixá é único, uno e indivisível.

Ainda sobre qualidades de santo, e principalmente para nós, descendentes do Axé do Engenho Velho, vamos tomar como exemplo a orixá Oxum. Oxum, na África, é a dona dos rios. E existe um rio – o rio Oxum –, no continente africano, que banha várias cidades, várias tribos, várias aldeias e, obviamente, cada uma dessas tribos, dessas aldeias, tem um nome diferente. Quando o rio atravessa aquela região, passa a ter um nome específico. Então, na região onde o rio é novo, é quase um veio d’água, Oxum é nova, doce e tranquila. Na região onde o rio é profundo, escuro e caudaloso, estas são as características ali atribuídas a Oxum. Na região das corredeiras, o rio tem muitas pedras, é violento, guerreiro, suas pedras são afiadas e pontudas, suas águas são revoltas; por esse motivo, Yeyê Opará apresenta essas características bélicas. Na região das grandes cachoeiras, as águas batem violentamente nas pedras; por esse motivo, Oxum é cultuada, naquela região, com tais características. Na região onde ocasionalmente o rio some dentro da mata, Oxum passa a ter “enredo” (ligação) com Oxóssi – esta é uma qualidade de Oxum ligada ao rio que alaga a mata e cujas

águas somem debaixo da vegetação. Ao chegarmos ao final do rio, as águas doces encontram o mar; é quando a Oxum é mais velha, mais tranquila e tem ligações com Yemanjá. Mas todas essas qualidades de Oxum referem-se a um mesmo rio, que apresenta nomenclaturas diferentes conforme a região onde ela é cultuada, e obviamente o rio é cultuado em cada região de uma forma. Daí surgirem as qualidades de um mesmo orixá. O mesmo se aplica a Odé, a Xangô e a todos os orixás.

Existe, também, uma forte relação entre os orixás, suas qualidades e diversos aspectos importantes ligados ao advento da vida humana. Tomemos como exemplo a orixá Oyá, e algumas de suas qualidades: Onira e Ibalé. Pode-se dizer que, em termos de corpo humano, Oyá representa o ar dos pulmões, o ar quente, úmido e rico em oxigênio – o ar da vida. No caso das Igbalé, diz-se que elas representam o último suspiro do ser humano. É quando o fôlego se esvai. Assim como Oyá Onira é o primeiro suspiro de uma criança que chega ao mundo, Oyá Igbalé é o seu último suspiro. É quando nos tornamos um ará-orun (habitante do orun, do mundo espiritual). Por isso se diz que Igbalé “nos leva” de volta aos espaços do orun quando é chegado o momento. Em contrapartida, diz-se que Onira “tem enredo com Oxum” (tem ligação). Obviamente que tem. Onde é que estava o bebê antes de nascer? No útero, imerso em líquido amniótico (Oxum). A bolsa se rompe, a criança vem ao mundo e respira (Onira). Mas, se por acaso Onira não vier, com certeza Oyá Igbalé virá. Aliás, Oyá Igbalé não é “uma qualidade de Yansã”, e sim um subgrupo de qualidades de Oyá.

Oyá traz o vento forte, Xangô traz a chuva forte que alaga as planícies africanas. Nanã deixa os seres imersos em suas águas. Seu filho, Oluaiê, traz a peste junto com as águas de sua mãe. Aí o círculo se fecha, com Oyá Ibalé trazendo o último suspiro aos seres vivos daquele local. Esse ciclo pode ser facilmente observado em muitas regiões do Brasil e de outras localidades do mundo no período das chuvas. Isso não muda nunca, desde que o mundo é mundo: chuva, enchente, doenças e morte (transformação).

### Qual é o significado dos fios de contas?

Todas as religiões ditas pagãs utilizam alguns fetiches ou instrumentos especiais, os quais, acredita-se, têm o poder de religar o homem aos planos astrais superiores. Sendo o candomblé um culto pagão, este também utiliza determinados elementos litúrgicos capazes de aproximar os indivíduos das energias em que acreditam.

Os fios de contas são os elementos litúrgicos que ligam os seres humanos aos seus orixás. Em termos filosóficos, podemos dizer que esses fios representam o “cordão umbilical”. Conforme a cor, a morfologia e o número de voltas que um fio de conta apresenta, ele terá um significado diferente.

Para falarmos nas cores dos fios de contas, teríamos que entrar antes em Cromatologia, parte da ciência que estuda os efeitos das cores sobre o comportamento humano.

Sabemos que cada orixá detém o domínio de uma ou mais cores. Por exemplo: Oyá está relacionada ao terracota (ferrugem). Sabemos que Oyá está relacionada também ao elemento ar (oxigênio). E uma das grandes características do oxigênio é oxidar ou enferrujar os metais. Sabiamente, o africano correlacionou Oyá à cor ferrugem. Tal fenômeno científico talvez explique os poemas de Ifá que relatam as grandes lutas entre Ogum (ferro) e Oyá (oxigênio).

Outro exemplo bastante interessante ainda se relaciona ao orixá Ogum. Em alguns casos, ele é visto com a cor verde (cor da folha do dendezeiro). Em outros, é visto com o azul-marinho (ferro não oxidado, “sem Oyá”). O ferro (Ogum), quando levado ao fogo (Xangô), não se oxida, não “enferruja” (não sofre a influência de Oyá). Tal questão científica pode ser interpretada pelo poema de Ifá que relata a luta entre Xangô (fogo) e Ogum (ferro) por Oyá (oxigênio). O mesmo pode ser observado quando um babalorixá diz que “Sem Oyá não existe Xangô”, ou *Ko si Oya, ko si Oba*. Hoje, a Química nos diz: sem oxigênio (Oyá), não existe combustão (Xangô).

É intrigante pensar como os africanos, tão primitivos, podiam apreender naturalmente tais conceitos de Física e de Química...

Exu é o orixá do movimento, é a própria energia cinética. Por isso, ele reflete todas as cores, detém o domínio de todas, do bran-

co ao preto. Erroneamente, são atribuídas a Exu as cores vermelho e preto, quando, na verdade, as suas cores são todas as cores (misturadas). Bem parecido, aliás, com os fios de contas dos erês. A única diferença é que os fios de contas dos erês não levam miçanga preta e os de Exu levam.

Odé, ou Oxóssi: sua cor ritualística é o azul-turquesa. Tal cor refere-se à coloração das águas do rio Erinlé, do qual este orixá é padroeiro, na Nigéria.

Ossãe tem o domínio sobre o verde e o branco. Verde das folhas e o branco da seiva das árvores. Iroko também usa o verde e o branco, pelos mesmos motivos de Ossãe.

Obaluaiê, por ser o senhor da vida, deterá o domínio das cores do reino mineral: preto (carvão), vermelho (barro), branco (carbonato de cálcio, também conhecido como cal).

Nanã usa sempre o violeta, cor dos musgos encontrados nas águas paradas dos lagos. Nesses musgos da beira dos lagos surgiram os primeiros protozoários, as primeiras formas de vida desse planeta – por isso Nanã é tão “antiga”. Os musgos submersos nos lagos apresentam a cor lilás. Os musgos da superfície são ricos em clorofila e por isso possuem a cor verde.

Oxumarê relaciona-se, no ketu, ao amarelo (como Oxum), período gestativo, e ao preto (carvão), final de tudo. Oxumarê, por logismo, representa o começo e o fim de tudo. É por isso representado também pelo círculo, sem começo nem fim. Dizem que Oxumarê é uma grande serpente que morde a própria cauda e se “enrosca” ao planeta para manter a sua integridade. Assim, esse orixá é um círculo perfeito, o início e o fim ao mesmo tempo.

Xangô é marrom (oxigênio = Oyá) e branco (sêmen masculino, relacionado a Oxalá). No caso do marrom terracota, basta lembrar o que já foi citado anteriormente sobre a ação do oxigênio sobre o ferro (ferrugem).

Oxum detém o domínio sobre o amarelo e seus matizes. Na verdade, Oxum relaciona-se com a gema dos ovos e não com o elemento ouro, até porque o africano primitivo não conhecia esse metal nobre. A gema é o núcleo da macrócélula denominada ovo. A

função da gema é nutrir o embrião da ave, e a clara do ovo é rica em albumina. Cabe à gema nutrir esse embrião até a sua total formação. E assim Oxum nutre os embriões, o começo da vida no aiyê. Teoricamente, esse fato explica também a grande correlação entre a orixá Oxum e os pássaros.

Agora, volto a perguntar: como é que os africanos, tão primitivos, também detinham esses conceitos sobre a Biologia através da orixá Oxum? Se prestarmos atenção, podemos notar que uma das comidas ritualísticas mais importantes dessa orixá é elaborada com ovos. Fato é que a grande mãe Oxum detém o domínio de toda a fase gestativa de um feto. Até o líquido amniótico da bolsa intrauterina apresenta uma leve coloração amarelada, e o africano (primitivo) já percebia isso muito bem. Se pensarmos no ovo e na barriga da mulher grávida, temos aí muitas semelhanças. O candomblé também é o culto à observação dos fenômenos da natureza.

Obá: a terceira das esposas de Xangô detém o domínio do coral ou alaranjado. Obá, assim como Oyá, relaciona-se à atmosfera. Ela está presente quando o sol escaldante das planícies africanas faz a tarde ficar alaranjada. Esse fenômeno é observado a nível químico na reação entre o hidrogênio e os raios solares.

Ewá está relacionada ao cor-de-rosa. Ela é o efeito dos primeiros raios de sol na camada de ozônio da atmosfera. Por isso, o fio de Ewá é cor-de-rosa ou coral.

Yemanjá receberá o branco translúcido (transparente), cor da lágrima humana, que contém 9% de cloreto de sódio (sal de cozinha), a mesma concentração de sal das águas do mar. Ela detém grande poder sobre o número 9. Observem: a água do mar possui 9% de cloreto de sódio (sal de cozinha); a lágrima humana possui 9% de cloreto de sódio (sal de cozinha); o soro fisiológico também possui 9% de cloreto de sódio (sal de cozinha). Todas essas “águas salgadas” são a própria orixá Yemanjá. É por esse motivo que os búzios dizem que Yemanjá embala os doentes em suas águas e os alimenta. Aqui cabe uma pergunta: mas como, se o africano (primitivo) não conhecia o soro fisiológico? Resposta: conheciam a “água de coco”, que, por coincidência, também apresenta 9% de cloreto

de sódio em sua composição. O coco é muito utilizado até os dias de hoje nas casas de candomblé.

A cor verde-água que Yemanjá também usa está relacionada aos plânctons (microformas de vida oceânicas), princípio de toda a cadeia alimentar dos mares. O uso das cores depende também das diferentes qualidades de cada orixá.

Oxalá usa o branco leitoso. Ele é o Grande Pai. Sua cor relaciona-se ao sêmen masculino.

Felizmente, hoje podemos fazer comparações e correlacionar aspectos da Física, Química e Biologia ao candomblé. Hoje a ciência pode comprovar o que os antigos babalorixás e babalaôs já falavam há milhares de anos. Mais do que qualquer outra religião, o candomblé, quando bem analisado e estudado, pode ser perfeitamente embasado pela ciência, sem qualquer tipo de antagonismo. A ciência hoje explica o que já professamos há milhares de anos, porque o africano primitivo já detinha tais conhecimentos.

### *Qual é o significado do uso das folhas?*

Todas as seitas e culturas antigas apresentam uma estreita ligação com as folhas e ervas e a sua utilização é fundamental no culto aos orixás. Diziam os antigos que: *Ko si ewé, ko si òrìsà*, ou “sem folhas não existem orixás”. As folhas representam o sangue verde do reino vegetal e são utilizadas desde a iniciação até a defumação nas casas de candomblé. Cada folha, cada erva apresenta sua função específica. Cada folha, conforme sua morfologia e textura, é consagrada a um orixá.

É importante falar sobre o aspecto científico das folhas. Nosso planeta é bombardeado por raios solares como UVA, UVB, Gama, etc. Esses raios, quando chegam à atmosfera e entram em contato com o nitrogênio, quebram este elemento e fazem com que ele perca elétrons e transforme-se em isótopos radioativos instáveis, aos quais chamamos de carbono 14. Esses isótopos radioativos descem às camadas mais baixas da atmosfera e são capturados pelas plantas através da fotossíntese. Conforme a morfologia de cada vegetal (formato), este reterá uma quantidade maior ou menor dos referidos isótopos.

Cada orixá tem afinidade com uma certa quantidade de plantas ou ervas. Cada erva apresentará uma concentração ainda que ínfima de isótopos radioativos, que irão incidir no comportamento e nas ondas cerebrais dos seres vivos.

É importante observar com atenção a morfologia das plantas. As folhas pertencem aos orixás, mas estas só ganham axé depois de serem *cantadas* e *encantadas*.

As ervas devem ser colhidas em horários determinados, pois algumas folhas são híbridas. Híbridas no sentido de serem quentes e/ou frias, conforme a hora. Ou seja: são quentes durante o dia e frias à noite, e podem pertencer a orixás distintos. Se forem colhidas à noite, pertencerão a um determinado orixá; se forem colhidas durante o dia, pertencerão a outro.

Há folhas que só devem ser colhidas durante a noite – para orixás bem frios, como Nanã, por exemplo –, exceto as que são utilizadas em ebós. Algumas ervas devem ser colhidas somente de madrugada, pois sabemos que a maioria das folhas é (somente) quente, ou (somente) fria. Há quem diga que só devem ser colhidas até às 6 horas da tarde, mas por que dizem isso? Porque depende do orixá a quem pertence essa folha e durante o dia a folha está quente por causa da luz do sol, essa é a grande diferença.

Em princípio, podemos dizer que as folhas com formato arredondado geralmente pertencem às iabás, orixás femininos. E que as ervas mais alongadas pertencem aos orixás masculinos, os obo-rós – exceto no que se refere a Oxalufã, pois suas ervas são arredondadas e viçosas como as folhas das iabás. O saião é arredondado e é de Oxalá. Por outro lado, há uma erva chamada colônia, que apresenta formato alongado e tem folhas compridas, mas, por ser extremamente perfumada, é consagrada a Oxum e Yemanjá. Entretanto, são poucas as exceções neste sentido.

Sabemos que no candomblé utilizam-se três tipos de sangue (ejé), ou seja, o ejé dos três reinos: mineral, vegetal e animal. Do reino mineral, utilizamos o carvão mineral, o giz, a argila, a tabatinga, o quartzo, o ferro, o bronze. Do reino vegetal, utilizamos as folhas, seu sumo, sua seiva, as raízes, caules e flores. E, finalmente, do reino animal, o sangue, as seivas, a saliva, o suor.

No caso das ervas, podemos dizer que são de vital importância para o nosso culto, tão ou mais importantes do que as outras seivas. Em determinados casos, um orixá poderá até não aceitar o ejé animal, mas o omi eró (sangue vegetal) ele sempre aceitará. O ori (= cabeça), por exemplo, antes de qualquer liturgia, sempre deverá ser lavado com a seiva das ervas.

Existem folhas que são indicadas para banhos, outras somente para acompanhar um ebó, outras apenas para *encantar* o orixá. Também existem ervas que só podem ser utilizadas na mata, *no local*. Entretanto, essas ervas deverão ganhar axé depois de serem cantadas e encantadas com orôs (cânticos ritualísticos) em louvor a elas. Cada nação utiliza as forças ritualísticas das ervas conforme seus costumes. Nos candomblés mais ortodoxos, cada folha ou erva possui sua característica própria. Possui, inclusive, a sua cantiga própria, que é usada para encantá-la ou ativar seu axé. Uma folha, quando não é *cantada*, não terá *encanto*.

Uma folha ou erva, quando colhida, jamais deverá ser carregada sem que esteja apontada para o céu. Caso isso não seja feito, os efeitos dessa erva serão contrários ao que ela se propõe. Em outras palavras, não se deve – nunca – carregar um maço de ervas com os braços para baixo. Os ramos das folhas devem estar sempre apontados para o alto, sempre no sentido que nascem da terra. Muitos babalossões antigos, quando tinham alguma “diferença” com a pessoa que iria se utilizar daquelas folhas, faziam questão de levar essas ervas apontadas para o chão e, em alguns casos, até as arrastavam ao longo do caminho. Isso é grave e perigoso. Dessa forma, eles retiravam o axé das folhas, pois, fazendo isso, o sangue verde do reino vegetal (sumo das folhas) se esvai, o axé se perde na terra, como se para ela voltasse.

Um das folhas de maior importância em questões litúrgicas é o peregun. O peregun é sempre a primeira das ervas a ser cantada e encantada. Aliás, sua cantiga tem um valor filosófico extremamente importante:

*Pèrègún aráwá titun ó*

Que o peregun faça com que seu corpo (sua vida)  
seja reto e sólido novamente.

Outra erva bastante utilizada pelos membros dos cultos é a ewê lará (folha de mamona). A ewê lará pertence a Obaluaiê e é utilizada no Olubajé. Nela são servidas as comidas ritualísticas. E nas obrigações de 3, 7 e 14 anos, depois da “matança dos orixás” (sacrifício de animais aos orixás, que remonta ao ato da caça do caçador nômade africano), também se utiliza a ewê lará na cerimônia do itá.

As ervas, depois de encantadas através de seus orôs (cânticos ritualísticos), podem ser trituradas junto à água do poço para a prospecção do omi eró. Podem ser colocadas embaixo da eni (esteira, em iorubá). Podem recobrir os ibás para esfriá-los ou para “acordar” o orixá. Ou, ainda, para acalmá-lo. Podem aninhar um ibá ori. Em determinadas nações, pilar as ervas é também um costume muito usado.

A folha chamada de “são gonçalinho” pertence a Oxóssi. É muito usada nas casas da nação ketu. Geralmente, são espalhadas no chão antes de um xirê para atrair os orixás. Esse costume, com o passar do tempo, foi assimilado por outras nações também. Há quem use aroeira no chão do barracão – o que considero arriscado, pois essa erva é muito quente e pode “trazer briga”. Usamos a aroeira apenas em ebós, para dar ânimo às pessoas. Geralmente, pessoas que estão muito tristes ou deprimidas por algum motivo, devem fazer um ebó com essa erva. Em algumas casas, usa-se aroeira para fazer a cama do assentamento dos orixás, o que também está certo. No Axé do Engenho Velho usamos abre-caminho.

Folha-da-fortuna é uma folha híbrida e pode ser utilizada para todos os orixás.

A panaceia é uma folha fria. Pertence às iabás d’água. Encontramos ainda a ewê oxibatá, ou xibatá, que é o obebé d’Oxum, imprescindível no ritual iniciático.

A negramina é de Oyá. É também uma erva muito importante e tem a propriedade de afastar espíritos desencarnados. A negramina corta feitiçaria, além de ser também antidepressiva. Mas é uma erva muito quente, apesar de altamente perfumada.

Para-raio é uma outra erva de Oyá. Mas seus efeitos são menos intensos. A para-raio é mais usada no omi eró, na sassanhe e no próprio ibá de Oyá.

O akokô é também uma erva de Oyá, geralmente utilizada em obrigações de tempo. Mas quando quinada (macerada), seus efeitos são contrários: o akokô quinado atrai egungun. Usa-se essa erva quinada no culto a egungun. Akokô (macerado), maria-preta, couve, colhidas e manipuladas à noite, são de uso exclusivo ao culto egungun. O uso indevido das ervas pode ser muito prejudicial para quem as utiliza de forma inadequada. Esta erva é utilizada somente em orôs dos 7 e 14 anos e nunca pode ser utilizada em preceitos de iaô. Seria muito perigoso. Quanto a usar o akokô em obrigação de 3 anos, é mais perigoso ainda, porque é uma folha estreitamente relacionada à ancestralidade. Por motivos óbvios, também não deve ser usada para ornamentação. Recomenda-se, nesses casos, utilizar outras ervas.

Manjeriço é folha de Ibêji.

Folhas de iroko e mariwô nunca são usadas em ornamento, porque, além de ser perigoso, é um desrespeito para com os orixás. Antigamente, o que se usava para ori ou para orixá não se usava em outras coisas.

O uso correto das folhas é um grande segredo, pois podem-se fazer vários usos delas: remédios, feitiços, banhos, desde o uso medicinal até a magia pura. Hoje em dia ainda existem aqueles babalossões que conhecem o segredo das folhas, pois esse culto está diretamente relacionado ao orixá Ossãe.

O correto é *colher* as folhas, e claro que quando não há essa possibilidade, precisamos comprá-las no mercado, o que é uma prática que já virou convenção, pois hoje boa parte das casas de culto encontra-se no perímetro urbano. Mas é óbvio que tais ervas não têm o mesmo axé das folhas colhidas de forma natural.

### ***Qual é o significado das comidas de santo?***

Antigamente, a prioridade dos seres consistia na caça, na pesca e, posteriormente, no plantio. Por ser o candomblé um culto de origem extremamente antiga, e da mesma forma que em todos os cultos pagãos, o significado vem daí. Em uma só palavra: a alimentação. Ou seja, o ato de agradar ao próprio corpo para preservar a vida. Assim como inúmeros povos antigos, os africanos acredita-

vam que a coisa mais importante e sagrada que podia existir era a comida. Por esse motivo, eles utilizavam as comidas litúrgicas para entrar em sintonia com as divindades que cultuavam.

O fato de se ofertar uma determinada comida não significa, especificamente, que o orixá vá literalmente comer, deglutir o alimento. Na realidade, o orixá se alimenta dos cheiros, dos aromas que emanam daquela comida, e durante um período relativamente curto. O orixá só está em sintonia com a comida enquanto ela está emanando um perfume que tenha a sua mesma frequência de onda. Quando a comida entra em processo de decomposição, o orixá para de receber aquela oferenda e quem começa a recebê-la são outras energias, que estão em sintonia com o elemento em decomposição. Por esse motivo, é importante que não se deixem comidas deterioradas dentro de uma roça de candomblé, no pé de um ibá. Você está achando que está agradando o orixá, quando, na verdade, está alimentando coisas bem mais pesadas, e poderá ter um resultado não tão bom quanto deveria.

Também é importante ressaltar que cada orixá apresenta uma estreita afinidade com determinados elementos que, reunidos, compõem uma comida. Por exemplo: Ogum é o orixá do ferro; por esse motivo, todas as comidas deste orixá são ricas no elemento "ferro": o feijão, o inhame, o azeite de dendê, etc.

Yansã é o orixá do vento, do ar, do oxigênio. Se prestarmos atenção em termos químicos, a mistura de feijão fradinho pilado, cebola e água é um agente extremamente oxidante, ou seja, catalisador, que "chama para si" o oxigênio, como se a massa do acarajé, antes de se fritar, chamasse o oxigênio, ou seja, a própria orixá. Por essa razão, a massa do acarajé incha quando batida, fica aerada, cheia de ar.

Passando a Oxum: Oxum representa as águas, a fertilidade, a vida. Todas as comidas de Oxum geralmente levam ovo, que é o símbolo do nascimento, da fertilidade, da vida.

Com Yemanjá, ocorre a mesma coisa. Sendo Yemanjá uma orixá também ligada à fertilidade, suas comidas levam sempre muito peixe. Ela também recebe o ebô, a canjica. Uma de suas comidas, que chamamos *omeressebô*, é preparada com canjica cozida, azeite, cebolas e camarão.

A mesma relação podemos fazer entre o orixá Xangô e o quiabo. Xangô é o ícone da masculinidade e por isso recebe o quiabo, que tem uma representação claramente fálica.

A Logun Edé oferecemos o axoxó e o omolocum, uma comida de Oxóssi e uma comida de Oxum, fazendo alusão às terras de Edé, que eram frequentemente invadidas pelas tribos que cultuavam Oxóssi e pelas tribos que cultuavam Oxum. Para nós, de ketu, as comidas de santo são representadas dessa forma.

***Qual é o significado do xirê? Por que as pessoas dançam e giram em sentido anti-horário, em torno do pilar central do barracão?***

Acredito que não adianta muito ser um babalorixá ou uma iyaxorixá sem que se possua o mínimo conhecimento de algumas ciências, pois a nossa religião não se resume exclusivamente a ebós e oferendas. Existem vários aspectos que precisam ser cuidadosamente observados. E para falarmos do significado do xirê, precisamos partir de um conceito básico, com o qual convivemos naturalmente todos os dias: *a terra gira*.

O xirê, por sua vez, é o ápice, o ponto máximo do ato litúrgico numa casa de candomblé. É a festa, é o culto à fartura, é o momento do nascimento do orixá, quando este orixá está pronto para ser apresentado ao público.

Mas a tão conhecida “roda das baianas” é bem mais do que isso. Curiosamente, a roda das baianas *gira* no sentido anti-horário, o mesmo sentido da rotação do planeta Terra. O costume da roda das baianas foi herdado do islamismo, que muitas influências deixou em diversas regiões da África. Os islâmicos caminham ao redor de um pilar central, do mesmo modo que as filhas de santo giram em torno da cumeeira da casa de candomblé. O ato de girar no sentido anti-horário também tem ligações com o islamismo, com o fato de os islâmicos girarem no sentido anti-horário ao redor de um pilar em suas mesquitas – pilar este que, para nós de ketu, é o opó, o pilar principal, situado no centro do barracão. Os islâmicos caminham ao redor de um pilar, no sentido anti-horário, exatamente

como o povo do candomblé caminha e dança ao redor do seu opó. A diferença é que no islamismo tudo é feito com muito sentimento, muita dor, enquanto que no candomblé tudo é feito com outro sentido e com muita alegria, porque estamos dançando e comemorando a vida. A cada vez que acontece um xirê, uma festa de candomblé, estamos, na verdade, contando a história da evolução do mundo através de cada um dos orixás.

Portanto, o xirê nada mais é do que uma narrativa psicodramática da evolução humana sobre a Terra. Os orixás vêm a este mundo narrar a evolução da raça humana, diante de toda uma plateia, sem que a plateia seja capaz de perceber o que está acontecendo.

Ali, nós encontramos Exu, que representa o primeiro movimento, o começo, o início da vida. Oxóssi é o caçador nômade, o homem primitivo, que caminhava nas planícies africanas buscando a caça. Ogun traz a Idade do Ferro, quando o homem começa a dominar os metais. Ossãe mostra o manuseio das plantas, a descoberta da medicina, o advento da cura. Oluaiê faz com que o homem se fixe à terra, é o advento da agricultura. Iroko mostra a fartura da terra, marcando o ciclo de plantio e de colheita. É Iroko quem determina a época de se plantar, de se colher e de dar descanso à terra. Xangô traz o advento da política, faz com que o ser humano comece a se organizar em sociedade. As danças desse orixá mostram isso de forma bem clara. Depois vêm as iabás, as orixás femininas. Ewá é a juventude, a menina que se transforma em mulher. Oxum traz o dom da maternidade, o dom da mulher de gerar novas vidas. Iansã traz a mulher descobrindo-se como ser vivente, como pessoa independente. Obá mostra o momento em que a mulher torna-se capaz de trabalhar e competir com os homens em termos profissionais e sociais. Yemanjá mostra que a mulher também pode ter as mesmas características dos homens sem perder, no entanto, a feminilidade. Nanã traz o poder matriarcal. Oxalá, a suprema sabedoria, nos mostra o caminho das estrelas, a evolução do homem em sua jornada na Terra.

Enfim, toda a evolução humana, em seus diversos estágios, é detalhadamente narrada durante um xirê. Todas essas danças são

mostradas de forma simbólica, psicodramática, teatral, muito bonita durante uma festa de candomblé. Infelizmente, a nossa religião é linda, mas predominantemente formada por pessoas de baixa escolaridade, que são incapazes de perceber que os orixás trazem diante de nossos olhos a história da própria humanidade.

### *Qual é a importância das cantigas de orixá?*

Todas as religiões pagãs primam pelos cânticos e pelas danças. Na realidade, o ato de se cantar em louvor a um orixá é quase como entoar um mantra, como os hindus professam. Como dito anteriormente, tudo chega aos orixás através de emoções, sentimentos ou sons. Como já foi dito, no ato de se alimentar um orixá, este se alimenta dos movimentos moleculares dos perfumes emanados pela comida. E os orixás são encantados, eles são tocados, digamos assim, pelos sons emanados dos cânticos e pelos sons ritmados dos atabaques. A importância das cantigas, no candomblé, é a mesma do canto gregoriano para os católicos, dos mantras para os hindus e de todas as liturgias relacionadas a cânticos, em todo e qualquer tipo de religião.

Entretanto, a maioria das cantigas que conhecemos foi criada pelos africanos, mas aqui no Brasil. Como já vimos anteriormente, cada tribo vinha de uma região africana completamente diferente, e o continente africano é gigantesco. Elas entoavam seus cânticos nas senzalas, mas, com o passar do tempo, a essa lista "original" foram inseridas novas cantigas. Por exemplo: a roda de Xangô foi criada aqui no Brasil.

Mas pode-se perceber que a maioria dos cânticos criados aqui no Brasil não tem a função de *chamar os orixás à terra*, mas, sim, de louvá-los. Por exemplo, na roda de Xangô, a manifestação dos orixás só acontece no final. Na realidade, o que está sendo cantada ali é a história de um orixá; ninguém o está chamando ao aiyê. Atualmente, a chamada dos orixás à terra se dá muito mais pelo toque dos atabaques do que exatamente pelos cânticos entoados.

### *Como se divide um ilê axé e por quê? Qual é o significado dos quartos de santo?*

Este aspecto, de profundo sentido litúrgico, é da maior importância para nós, e pode ser explanado aqui apenas de forma superficial. Mas pode-se dizer que os candomblés mais ortodoxos organizam a casa, o ebé (= comunidade), a roça de candomblé de forma que a mesma represente um grande corpo, que, se fosse visto de cima, apareceria deitado sobre a terra. E os membros deste axé, que compõem o ebé, representam o sangue (ejé) que circula por todo esse corpo. Por esse motivo, nós sempre encontramos, do lado esquerdo de quem entra na casa de candomblé, o Ilê Bará – a Casa de Exu –, que vai representar o pé direito desse grande corpo que está deitado. Do lado direito de quem entra, encontramos a Casa de Ogun, que vai representar o pé esquerdo desse grande corpo deitado.

Quando se entra no barracão propriamente dito, no barracão onde se realizam as festas públicas, a sua porta, a sua entrada, representa o genital feminino desse corpo. Ali dentro nós vamos encontrar, em cada quarto de santo, um órgão específico desse grande corpo (= ará). Podemos explicar da seguinte forma: o *runkó* – onde se recolhe o iaô – é o útero, o quarto de Oxum é a barriga, o quarto de Yemanjá é o seio, o quarto de Xangô é o coração, o quarto de Yansã é o pulmão, o quarto de Oxalá é o cérebro, o quarto de Oxóssi são os braços, o quarto de Oluaiê – ou dos Iji – representa a pele desse grande corpo. E as pessoas que transitam ali dentro, os filhos de santo, significam o ejé, o sangue que faz com que esse corpo esteja vivo e pulsando.

A casa é exatamente um corpo vivo. Por esse motivo, inclusive, quando chegamos da rua, precisamos tomar um banho, verter água sobre o corpo e colocar vestes apropriadas, para podermos transitar dentro do ilê – dessa forma, esse grande corpo nos reconhece como parte do ebé e não como um elemento estranho – pois, nesse caso, poderá repelir ou até mesmo "expulsar o estranho de suas entranhas".

Outra visão em relação aos quartos de santo, paralela à que vimos anteriormente, nos mostra que cada orixá é cultuado em um quarto diferente porque é oriundo de uma região distinta do

continente africano. Por esse motivo, cada quarto, além de representar um órgão daquele grande corpo, vai significar também uma região específica do país iorubá de onde vem aquele orixá. Dessa forma, encontramos Ogum representando a região de Irê, o quarto de Oxóssi representando a região de Erinlé, o quarto de Oxum a região de Oxobô, o de Yansã a região de Abeokutá, o de Xangô a região de Oyó, o dos Iji – Nanã, Oxumarê e Oluaiê – representando os orixás cujo culto tem origem no antigo Daomé e que, já na África, foram assimilados ao culto iorubano. Desse modo, podemos entender que todos os orixás têm seu culto próprio, completamente diferente um dos outros.

### *O que é o jogo de búzios e para que serve?*

O jogo de búzios, na realidade, e antes de ser um oráculo divinatório, era utilizado, na África, especificamente para previsões de fenômenos atmosféricos. Através dos signos que apareciam, eram interpretados os sinais do tempo. Previam-se secas, enchentes e estios. Definiam-se períodos de plantio, de colheita, determinava-se o sexo de cada feto, de cada bebê, determinavam-se casamentos e várias outras questões dessa ordem.

Com o passar do tempo, este oráculo também passou a ter um cunho divinatório. Ou seja, nele passaram a ser inseridos elementos ligados ao cotidiano da vida humana. O jogo de búzios é um oráculo diferente dos outros porque está sempre em mudança e acompanha a evolução humana. Tudo que se vê em termos de novidade, de evolução e de modernização pode ser tranquilamente detectado pelo jogo de búzios. Até mesmo doenças que antigamente não existiam, hoje em dia passam a ser detectadas através desse oráculo. Volto a dizer: o jogo de búzios acompanha a evolução humana. Diferente de outros oráculos, que de tão estáveis e imutáveis acabaram tornando-se quase obsoletos, o jogo de búzios está sempre em evolução, e é perfeitamente capaz de se adequar às transformações constantes que ocorrem no mundo.

No jogo de búzios estão inseridos conceitos da matemática, da física, da biologia, da física quântica e da geometria espacial. Na rea-

lidade, o jogo de búzios é muito mais complexo do que se considera hoje em dia, pois as pessoas só pensam nesse oráculo no sentido de saberem quantos búzios estão abertos e quantos estão fechados – o que é uma visão por demais simplória, que ignora toda a riqueza de informações que suas configurações são capazes de fornecer.

Nós podemos pensar no jogo de búzios em termos de física quântica, quando vemos uma quantidade maior de búzios em um local da mesa e uma quantidade menor em outro local; podemos encontrar ali valores matemáticos em termos de matrizes binárias quando atribuímos valores às caídas, ou seja, um número igual a “x” de búzios abertos ao lado de um número “y” de búzios fechados formando o quê? Exatamente uma matriz binária. Podemos encontrar noções geométricas através do posicionamento dos búzios em cima da mesa; podemos encontrar a biologia em vários momentos, inclusive pelo fato de os búzios (aqueles que formam na mesa as configurações) serem moluscos.

Outro detalhe importante: não adianta sabermos as caídas dos búzios se não soubermos interpretá-las. Todas as suas mensagens, por mais abrangentes que possam parecer, são, na verdade, extremamente claras e óbvias, pois sempre refletem as condições da vida atual, do tempo presente, do momento de agora. Os búzios também são capazes de nos trazer mensagens que são verdadeiras lições de história natural.

### *O que são os Odu Ifá?*

Segundo a herança da filosofia africana e das tribos ketu que deu origem à Casa Branca do Engenho Velho, os Odu Ifá são signos nagô que trazem as configurações de destino, ou de tendências de vida de um indivíduo.

O signos de Ifá se dividem em odu-meji e seus respectivos omo-odu, ou seja, os odu-filhos desses odu-meji. A palavra “meji” significa “principal”. Então, o odu-meji – palavra oxítônica – é o odu principal e o omo-odu é o filho desse odu (principal), que vem trazendo as curvaturas e as nuances de tudo o que o signo traz num contexto geral.

Hoje está havendo muitas discrepâncias a esse respeito, principalmente com a criação de cálculos alfa-numéricos, sistemas digitais no jogo de búzios, somatórios de números de letras, somatórios de números de data de nascimento para se achar um odu. Isso é absurdo porque a numerologia tem origem hebraica, vem dos judeus, e nunca cruzou com os cultos africanos. Por esse motivo, a numerologia hebraica nada tem a ver com o jogo de búzios, e, por conseguinte, nada tem a ver com os Odu Ifá.

### *O que são os ebós?*

O ebó é um sacrifício ou uma oferenda – condição fundamental para se resolver um problema ou para se transpor um determinado obstáculo. O ebó, o preceito, ou o sacrifício, como comumente se diz, é revelado pelo jogo de búzios quando o olhador, em frente ao consulente, detecta através do aparecimento de um odu que a pessoa está vivenciando algum tipo de problema específico e que este problema poderá ser resolvido mediante a realização de um ebó.

Para um ebó, pode ser solicitada, pelo jogo de búzios, uma infinidade de elementos, desde que estes sigam a lógica numérica do odu que se manifesta. E o ebó (o sacrifício) começa desde o momento em que o indivíduo se levanta da cadeira do jogo e começa a providenciar os elementos solicitados pelo oráculo. O ato de sair de casa, de ir ao mercado, de ir buscar uma folha, de ir buscar um animal, já é, por si só, um sacrifício, já é uma parte do ebó. A outra parte acontece quando esses elementos são preparados na roça de candomblé e posteriormente oferecidos, ou “passados” no corpo do indivíduo, para que o problema seja sanado. A terceira parte do ebó é o resguardo, o ato de não cometer qualquer tipo de atitude que venha a ser considerada um contra-axé, ou seja, uma ação capaz de neutralizar a liturgia professada.

Existe uma infinidade de ebós. Todos eles têm sua origem no jogo de búzios e apresentam a seguinte particularidade: um ebó nunca é exatamente igual a outro, porque, segundo a filosofia nagô, o ser humano é único, não existem cópias.

### *Qual é o significado dos ibás (assentamentos)?*

O ibá, o assentamento do orixá, é a base onde aglutinamos determinados elementos ligados a uma divindade específica, que passam a ali representá-lo. O ibá seria quase que uma “pilha alcalina”. Essa “pilha”, quando assentada, é carregada com elementos positivos, de modo que, quando o indivíduo tem necessidade de se fortalecer energeticamente, vai até o seu ibá e ali se alimenta, absorvendo a energia que está contida ali, naquela “pilha”, digamos assim. Isso, em termos científicos. Mas, por favor, não distorçam as palavras do babalorixá. Esse é apenas um exemplo, usado para facilitar o entendimento.

O ibá podia ser, no passado, um ibá coletivo. Ou seja, um ibá único, representando uma divindade única para cada tribo ou para cada família – costume que foi trazido para o Brasil no início da colonização, no período escravocrata. Mas, posteriormente, devido ao desmembramento das famílias originais africanas, principalmente as do povo iorubá, surgiu a necessidade de haver ibás individuais. A partir disso, os ibás passaram a ser coletivos em determinadas casas, ou exclusivos (um para cada filho) em outras. O ibá, esse recipiente que tem a forma de um útero, representa uma barriga que contém a vida; a tampa, por sua vez, representa a abóbada celeste.

Contam as antigas yás da Casa Branca do Engenho Velho que, com o passar do tempo, mais uma vez a mucama foi até a cozinha da casa-grande e roubou a louça francesa, a sopeira da sinhá. Levou-a para dentro da senzala e transportou seus orixás de dentro dos alguidares onde estavam assentados para dentro daquelas sopeiras. E, desde então, surgiu o costume de assentarem-se os santos dentro das sopeiras, porque foi assim que os negros que trouxeram o candomblé para o Brasil se habituaram a cultuar suas divindades. Ou seja, roubando as sopeiras da casa-grande!

Sabemos que, em termos de África, e também nos primeiros tempos da escravidão, os orixás eram assentados em alguidares, gamelas e cabaças, mas, depois, surgiu o costume de se usarem sopeiras de louça, e isso graças à mucama. A mucama, ao mentir para a sinhá contando-lhe que sua sopeira tinha sido quebrada,

sabia que seria açoitada, mas era açoitada e ia para o tronco muito feliz, porque sabia que, quando saísse dali, a sua orixá não estaria mais dentro de um simples alguidar, mas, sim, assentada em uma linda sopeira francesa. É bom lembrar que, desde o tempo da colonização, o africano primava por tentar dar o bom e o melhor ao seu orixá, exatamente como fazemos até os dias de hoje.

### *Quais são os elementos da porteira de um ilê axé?*

Podemos notar que, quando entramos em uma casa de candomblé, encontramos sempre a Casa de Exu, ou Ilê Bará, do lado esquerdo de quem entra na roça, porque Exu é o guerreiro ou guardião do lado esquerdo do mundo. E sobre a porteira encontramos, geralmente, uma infinidade de elementos litúrgicos. Encontramos porrões, quartinhas, alguidares, contendo comidas litúrgicas, tigelas com canjica, etc. Em alguns casos, também podemos notar a presença de folhas e ervas em potes de barro.

Todos esses elementos estão ali, naquele momento, porque cada um deles representa alguma coisa pertinente ao culto. Isso varia conforme a casa ou a nação à qual aquele axé pertence.

Nós, de ketu, acreditamos que existem dois “mundos”, muito diferentes entre si: o lado de fora da casa – o mundo profano – e o lado de dentro – que é o próprio ebé. A porteira é, obviamente, o *portal* que separa esses dois mundos. Isso é muito perceptível, e é possível sentir que a energia é completamente diferente de cada um dos lados, o de dentro e o de fora.

Do lado de fora, no mundo além do ebé, somos conhecidos pelos nossos nomes de batismo, mas quando entramos na casa de candomblé, passamos a ter um outro nome, que sempre se refere ao orixá de quem somos filhos. Por exemplo: abiã de Oxalá, iaô de Oyá, egbomi de Yemanjá e assim por diante.

A separação entre o “mundo dentro do axé” e o “mundo do lado de fora” é tão marcante que, quando saímos do barracão, podemos ter dificuldade de nos sintonizarmos com o mundo de fora novamente. Isso ocorre com frequência, e ainda mais quando a pessoa acabou de passar por alguma obrigação. A *passagem de tempo* dentro

de uma roça de candomblé também é diferente e varia de outra forma, porque temos apenas manhã, tarde e noite, sem contar as horas de forma muito precisa. É por isso que, geralmente, acaba-se perdendo a noção do tempo dentro de uma casa de candomblé.

Por esses e outros motivos é que encontramos também tantos elementos diferentes nas porteiras das roças. Em geral, eles representam um *portal que separa dois mundos*. Esse portal (ou porteira) deve ser alimentado periodicamente para que mantenha seu axé e para que seja capaz de diferenciar esses dois mundos.

Em todas as casas geralmente encontramos animais (cães, gatos, jabutis, etc.), mas a função do animal não é a de ser um guardião espiritual da roça de santo como muita gente imagina, pois o verdadeiro guardião das porteiras das casas de candomblé é Exu. É ele quem toma conta da entrada, sabendo exatamente quem passa por ali e quem pertence ou não ao ebé.

Além dos elementos litúrgicos acima citados, encontramos porrões com água. Acreditamos que essas águas são capazes de esfriar o ará (corpo) de quem passa por baixo desses porrões. Temos também uma tigela contendo canjica, que irá reter e aglutinar todas as negatividades que um indivíduo possa ter trazido consigo da rua.

Temos também as folhas de uma erva chamada peregum. O peregum, por apresentar uma morfologia alongada, é capaz de trazer a retidão e de alongar a vida de quem passa por baixo dele. A sua função será *colocar as coisas no lugar*, ou tornar retos novamente os caminhos da pessoa que passa por baixo daquela entrada, sobre a qual colocamos um porrão com sete folhas de peregum. Quando alguém procura uma casa de candomblé, é porque está com problemas e precisa de auxílio. Acredita-se que quando uma pessoa entra num ilê orixá e passa por baixo de um porrão contendo água e folhas de peregum, ela poderá ter de volta a retidão em seus caminhos na Terra, sejam eles quais forem, do ponto de vista material ou espiritual. Todos os elementos presentes numa casa de candomblé têm por objetivo, de um modo ou de outro, trazer as pessoas de volta ao equilíbrio, e isso começa desde a entrada, desde a porteira. Tem gente que chega no axé e diz, antes mesmo de fazer o ebó, que

já está se sentindo melhor. Isso acontece muito e ocorre graças aos elementos ritualísticos encontrados na porteira.

Geralmente, podemos encontrar no chão, próximo à Casa de Exu, uma tigela branca contendo água e oito ovos recobertos com uma camada sobrenadante de dendê. A tigela irá representar um útero; os ovos, “óvulos”; a água, líquido amniótico; e o dendê, sangue. A função desses ovos é tornar-se a própria representação da vida, sendo 8 a contagem de Oxum. Ou seja, todo e qualquer tipo de negatividade é e será sempre vencida pelo símbolo da vida. O correto é despachar sempre a água, antes de tudo. Esses ovos e a água devem ser despachados logo após um determinado número de pessoas terem transitado por aquela porteira.

## II

### Para entender mais sobre o candomblé

#### *O que é ter cargo sacerdotal?*

Algumas pessoas, ao nascer, trazem do orun um oyê (cargo sacerdotal). Mas o que deve ficar bem claro é que possuir cargo sacerdotal pode referir-se a qualquer religião, e a pessoa poderá vir a ser padre, rabino, pastor, babalorixá, monge, aiatolá.

Não é o babalorixá, não é a iyalorixá, não é ninguém *deste mundo* que dá cargo sacerdotal a alguém. A pessoa, quando vem do orun, já tem em sua configuração de odu (de destino) o cargo sacerdotal. Alguns odus, ao caírem em uma mesa de jogo, determinam se o indivíduo tem ou não este cargo, que lhe concede a característica especial de poder suportar o culto aos orixás em termos de dar *vida espiritual* a outras pessoas. As pessoas que têm cargo sacerdotal, o “famigerado” cargo de santo, são diferentes das outras pessoas porque a sua configuração espiritual é bem mais complexa se comparada a outras, como se lhe “faltassem” algumas coisas, que somente vão se adequar e complementar quando ela tiver a sua roça de santo e depois que outras pessoas começarem a chegar, como se fosse um grande quebra-cabeça.

No candomblé, sobre essas pessoas costumamos dizer que “têm cargo de santo”. São pessoas que têm um dom, um *plus*, um algo a mais em termos de ori. Devemos observar que muitas vezes o indivíduo tem o cargo, mas não tem o dom. Ou tem o dom, mas não tem o cargo. Quando um indivíduo apresenta cargo sacerdotal, este, desde a sua iniciação, ou na ocasião da obrigação de 3 anos, sofrerá um tratamento diferenciado – no campo litúrgico.

Uma das principais características dessas pessoas é terem grande propensão a assumir para si problemas alheios. São sensíveis e solitárias, mesmo quando acompanhadas. Geralmente, retêm grande quantidade de líquidos no organismo. Ou, ainda, podem ser muito magras. Geralmente apresentam um desses extremos. Isso em todas as religiões.

Mas estamos nos referindo a pessoas que realmente apresentam cargo sacerdotal. No candomblé, especificamente, um indivíduo só estará apto a dar continuidade ao culto (abrir uma nova casa), depois de sua obrigação de 7 anos, ocasião em que o iaô atinge a maioridade e passa a ser denominado de egbomi (irmão mais velho). No período da referida obrigação, o iniciado (que possui cargo sacerdotal) é agraciado pelo axé com o seu oyê. É aí, e só a partir daí, que esse indivíduo começará a receber os ensinamentos ritualísticos que o capacitarão a tornar-se responsável por um novo ebé.

Se o cargo é apontado na mesa de jogo, ou melhor, se é descoberto na mesa de jogo, já que a pessoa é abiã, isso pode acontecer, uma vez que tal cargo pode ser identificado para qualquer indivíduo, seja ele iniciado ou não.

Por todas essas razões, deduzimos que é uma grande irresponsabilidade permitir que iniciados abram casa antes de tomar oyê, porque, na maioria das vezes, essas pessoas não têm preparo algum para assumir essa responsabilidade. Isso é uma falta de respeito com a religião e principalmente com o orixá. Em minha opinião, tal conduta é no mínimo irresponsável, pois a prática do candomblé é coisa séria e pode ser perigosa quando não há conhecimentos sobre sua liturgia.

No entanto, infelizmente, isso vem acontecendo com frequência. E, com certeza, a responsabilidade é também do zelador que permite isso. Mas, por outro lado, muitas vezes esses indivíduos se afastam de seus zeladores por querer, a todo custo, abrir logo a sua própria casa de santo, em busca de obter uma suposta "independência". Existem pessoas que perderam tudo, que ficaram muito doentes ou até vieram a falecer por manipulação incorreta nos cultos afro. Conheço histórias de pessoas que abriram casa com apenas três anos de iniciadas. Elas diziam que o orixá não queria

esperar. Claro que isso não existe! Como diziam os antigos, *a fruta só dá no tempo certo*. Ainda sobre os iaôs com casa aberta: deveria haver uma federação que punisse rigorosamente tal conduta, até porque, como já dito anteriormente, esse procedimento é extremamente perigoso e existe muita gente que não tem cargo sacerdotal, mas tem casa aberta, mesmo que não dure.

Um fato interessante é que o orixá simplesmente *não cobra nada* das pessoas que não têm cargo sacerdotal. Ou seja, elas podem fazer "qualquer coisa" e ficarão impunes, pelo menos no que diz respeito ao seu próprio orixá. Sim. Isso é um fato. E ocorre porque o orixá não se responsabiliza por nada, pois não deu autorização alguma, cargo algum a essa pessoa. É triste, mas é verdade. É por isso que, muitas vezes, podemos ver certas atrocidades ficarem impunes. É exatamente por isso. Antigamente, somente quem "tinha cargo" é que abria casa.

E quem é que cobra, se o orixá não cobra?

Muitas vezes, Exu se irrita e faz a coisa parar, sempre de forma trágica. São aquelas mortes trágicas de zeladores que se veem por aí. Atualmente, com muita frequência, podemos ver nos jornais notícias desse tipo. Às vezes não são tragédias, mas escândalos em família, no axé.

Um babalorixá que não tem cargo raspa santo errado, faz ebó errado, destrói a vida de uma pessoa. E durante algum tempo não vemos acontecer nada com esse indivíduo. Essa pessoa vai fazer, fazer e fazer. Até o momento em que Exu se enfurece e dá um jeito de parar aquela situação. Mas quando isso chega a acontecer, esse babalorixá que não tem cargo já destruiu várias pessoas, várias famílias e várias vidas. E sempre será Exu quem irá cobrar, pois o orixá desse indivíduo *nada tem a ver com isso*. Muitas das cobranças, inclusive, podem acontecer e ninguém fica sabendo.

Mas quando as pessoas que têm cargo cometem erros, geralmente sofrem logo as consequências. O orixá cobra rapidamente! Eu nunca vi gente que tem cargo fazer coisa errada de propósito e não acontecer nada logo em seguida. O jeito mais correto de se punir um zelador que destrói uma família, somente o seu próprio

orixá poderá saber. Porque há zeladores que podem “matar” um indivíduo por pura irresponsabilidade. E orixá existe!

Cada indivíduo apresenta um diferente grau sacerdotal, pelo menos no candomblé. Ou seja: existem cargos e *cargos*. Alguns são trazidos de nascença (cargo sacerdotal), alguns são determinados pelo jogo de búzios, outros são dados pelo orixá manifestado. Ou, ainda, há cargos que são dados em um ebé pelo babalorixá ou pela iyalorixá. Podem ser dados cargos (ou encargos) dentro de uma ilê a vários filhos, até porque o ilê precisa disso, de pessoas para administrar o seu funcionamento no dia a dia. Mas é preciso entender que ninguém nasce babalossãe, yá kekerê ou pejiçã. Para se ter um encargo, alguma responsabilidade dentro do axé, é preciso ter dom, mas não é necessário ter cargo sacerdotal. Entretanto, possuir cargo sacerdotal é imprescindível para quem vai um dia abrir seu ilê. Aliás, é preciso ter cargo e dom, porque sem essa combinação dificilmente a casa irá prosperar.

Mesmo que a pessoa tenha cargo sacerdotal, nós, os babalorixás, devemos “testar” tais cargos. É sempre bom que essas pessoas sejam colocadas à prova. Elas devem passar ebó nos clientes, devem mastigar obi na cabeça de seus irmãos mais novos. E só então poderemos observar, posteriormente, se essa pessoa tem “mão boa”, porque quem tem cargo de santo é pessoa próspera. Todos os babalorixás deveriam fazer esse tipo de seleção. Uma pessoa com “mão de arraso” jamais deveria sequer cogitar de abrir casa, para evitar o malfadado comentário: *Fui na casa de fulana fazer um ebó e acabei ficando pior!*

É importante observar, no ilê, a condição geral dos filhos e do zelador. Porque quando a casa é próspera, quando a vida das pessoas caminha bem, é sinal de que a mão daquele zelador é boa.

Hoje em dia, realmente tem muita gente com cargo de santo, muita gente abrindo casa e isso é facilmente explicado porque a população está crescendo de forma desordenada. Há trinta anos havia um número de casas de santo bem mais restrito. Por quê? Porque o culto está crescendo, muita mais gente está se iniciando e, obviamente, muito mais pessoas com cargo sacerdotal, com cargo de santo estão sendo feitas, estão sendo iniciadas.

### *Qual é a necessidade da feitura de santo?*

Uma das perguntas mais importantes da nossa religião é: qual seria a real importância de se *fazer santo*? O que leva um indivíduo a procurar ser iniciado no candomblé? A real necessidade de se *fazer o orixá* é estabelecer a religião do indivíduo com o seu duplo astral, ou seja, com o seu próprio orixá.

Esse é um assunto bastante polêmico. Hoje em dia, mais precisamente desde meados da década de 1990, o candomblé está na moda, todo mundo “é feito”. Nas festas, encontros, palestras, até nas mesas de bar fala-se sobre candomblé. Então, o culto tornou-se realmente muito massificado. Daí, a pergunta que mais ouvimos a cada dia: qual é a necessidade que o indivíduo tem de ser iniciado? A princípio, um orixá dá sinais de que quer ser iniciado em termos de comportamento. A pessoa passa a apresentar síndromes depressivas, melancolia, tristeza, dispersão e outros sinais de que aquele orixá está querendo ser iniciado *naquela cabeça*.

Hoje em dia, se a pessoa está tendo dificuldades no emprego, dizem que é o orixá que quer ser feito. Se não tem sorte no campo afetivo, é o orixá que quer ser feito. Se está tendo brigas com os pais, é o orixá que quer ser feito. Gente, isso não é bagunça, não é nada disso! O orixá só dá sinais de feitura quando ele começa a se manifestar no corpo do indivíduo ou quando a pessoa, em termos de herança espiritual, já tem ancestrais na família ligados ao culto e isso faz com que aquele orixá tenha *vontade* de também ser cultuado. São esses os aspectos mais relevantes em termos de se pedir feitura de santo.

Na maioria das vezes, a necessidade da iniciação não chega a ser uma escolha pessoal e consciente. São os caminhos do indivíduo que o levam ao rito. Geralmente, tudo começa pela busca da espiritualidade. Isso ocorre, geralmente, com pessoas oriundas dos cultos espíritas. A grande maioria das pessoas que hoje se iniciam nos cultos (com algumas exceções), teve seus primeiros passos na umbanda ou no kardecismo, mas é claro que existem outros caminhos.

### *Quais são os ritos de iniciação de um iaô no candomblé e seus respectivos estágios iniciáticos?*

Isso varia de uma nação para outra e até mesmo de uma casa para outra. Teoricamente, o mais correto é detectar o momento propício em que um orixá quer ser iniciado. Posteriormente, deve-se recolher o indivíduo nas dependências do axé para o período de desaceleração, ou de descanso do ará, do próprio corpo. Depois, é preciso efetuar os 21 ebós ligados ao carregamento de destino do indivíduo, e em seguida alimentar, respectivamente, Exu, Ori e Orixá. Em seguida, é necessário preparar os outros preceitos e, por fim, efetuar a saída, a festa pública, que seria, em termos filosóficos, o próprio nascimento desse orixá no aiyê – no caso de um rodante, ou seja, de uma pessoa que manifesta orixá.

Os três estágios iniciáticos no candomblé são: abiã, iaô e egbomi. Isso para pessoas que *rodam* com orixá. Todos esses estágios são de grande importância e estão profundamente interligados, principalmente porque um estágio depende sempre do seguinte e vice-versa.

Dentre esses vários estágios, um dos mais importantes é, sem dúvida, o período de abiã. É durante esse período que o indivíduo precisará descobrir se tem afinidade com o axé, ou, ainda, se realmente quer ser iniciado no culto. O que diferencia um abiã de um mero cliente numa casa de candomblé, na verdade, é um fio muito tênue, pois o abiã *ainda* vai dar os primeiros passos rumo à sua iniciação.

O termo abiã é uma aglutinação de dois termos iorubanos: *abi* = nascer, *yan* = aquele que vai. Logo, o termo abiã significa *aquele que ainda vai nascer*. Entende-se que este “nascer” determina *nascer para o orixá*.

Antigamente, o período em que o indivíduo era um abiã em uma casa de candomblé era longo, no mínimo três anos. Durante esse período, seus vínculos com o axé não são muito fortes e a qualquer momento o postulante poderá até se afastar da casa, sem sofrer maiores consequências. Por outro lado, a iniciação é um passo muito importante, além de irreversível. Por esse motivo, os abiãs devem sempre refletir sobre a real importância da feitura antes de tomar essa decisão.

É durante o período de abiã que iniciam as primeiras manifestações do orixá. A partir desse período, o orixá começa a ser “doutrinado” e irá aprender a se manifestar de modo mais suave (diferente da umbanda). Esse orixá, manifestado no abiã, em alguns casos irá *dar sinais* de que é chegado o momento da iniciação.

O orixá sempre dá sinais quando quer ser iniciado no ori de seu filho (no caso de ogãs e ekédes, tais sinais serão revelados através do jogo de búzios). “Bolar” (ou seja, entrar em estado catatônico, em que o corpo do indivíduo fica completamente paralisado) três vezes, por exemplo, é sinal de que o orixá pede feitura. Nesse caso, resta apenas saber se o ori do abiã é compatível com o do babalorixá ou iyalorixá, para que não haja divergências posteriores e um final desagradável. É importante compreender que a feitura envolve uma série de rituais complexos, que sempre incluem, entre outras coisas, recolhimento por um determinado número de dias, raspagem dos cabelos, etc. Entendendo que o orixá está dentro de nós (faz parte de nós), por logismo podemos concluir que todas as liturgias servirão simplesmente para “abrir um canal” que possibilite ao orixá “aflorar”, para que, desse modo, o iniciado (iaô) possa entrar em transe e seja capaz de manifestar (expressar) seu próprio orixá. E tais preceitos são realizados unicamente em casas de candomblé. A umbanda não faz iniciações desse tipo, muito menos o omolocô.

Um indivíduo só deixa de ser abiã depois que seu orixá grita o seu orukó (nome) no salão do ebé. Quando o orixá torna o seu nome público, aí sim esse orixá nasceu e seu filho passou a ser um iaô. Após o abiã ter sido iniciado e ter-se transformado num iaô – quando seu orixá se individualizou em seu ori através do orukó –, ele vai passar por um ciclo de 6 anos, para os filhos de Xangô, e de 7 anos para os demais orixás, durante o qual ele vai ser conhecido como o iaô de um determinado orixá. Esse é um ciclo de aprendizagem muito importante antes de ele tornar-se um egbomi, antes de poder assumir, com maior responsabilidade, determinadas funções dentro de uma casa de candomblé. Antes do iaô tornar-se um egbomi, vai passar novamente por um preceito litúrgico, que é a obrigação de 3 anos, na qual se agrada, ou se consagra, o seu segundo orixá, o adjuntó,

como forma de integralização daquele ori em termos de seus dois orixás principais.

O período de iaô é extremamente importante porque faz com que o indivíduo cresça, amadureça e evolua dentro da casa de candomblé. Aos iaôs, certas falhas, certos erros são toleráveis, mas essas mesmas falhas e erros não são toleráveis se cometidos pelas pessoas mais velhas no santo, pelos egbomis – na verdade, são inadmissíveis. Em outras palavras, os iaôs têm o direito de errar em postura, em comportamento, porque ainda não são adultos. Mas os egbomis não podem errar em sua conduta numa casa de candomblé porque já são adultos e já sabem muito bem diferenciar o certo do errado.

Outro detalhe importante: um egbomi, todas as vezes em que coloca novamente o seu kelê durante suas obrigações, volta a ser um iaô para o seu orixá. Por esses motivos, os estágios estão sempre interligados. Nas obrigações de 1, 3, 7 e 14 anos, os rodantes usarão sempre o kelê e apresentarão comportamento similar ao de um iaô, mesmo que esse indivíduo já seja um babalorixá ou uma iyalorixá. Esse costume, felizmente, é um dos que nunca serão abolidos do culto, justamente por ser de extrema importância. Eu mesmo, em minha obrigação de 14 anos, usei kelê e fui tratado de forma bastante rigorosa. Isso para mim foi ótimo, pois me fez reavaliar muitos valores e até mesmo o meu código de conduta dentro do Axé de Aganju. Essas mudanças de estágio são, para nós, uma grande lição de humildade. O próprio orixá se incumbem de mostrar aos seus filhos que eles sempre devem ter um mínimo de resignação *aos pés do orixá* (lessé orixá). A grande lição que podemos obter disso tudo é a seguinte: todas as pessoas, sejam clientes, abiãs, egbomis, todos são iguais perante o orixá. Em outras palavras, e como dizem as velhas yás de Salvador, *todo mundo tem santo*.

Há aqueles que vêm para o axé já feitos em outras casas e os que vêm com “cabeça virgem”, ou seja, os que nunca foram iniciados antes. Se a pessoa veio de outra nação, eu raspo novamente. Se for do mesmo axé, faço o orô, apresento a navalha àquele ori e faço raspagens em seus pontos estratégicos. O tempo de iniciação eu conto. Afinal, o tempo não anda para trás. Em meu axé, a nava-

lha do babalorixá é apresentada ao ori do indivíduo, mas o rito é efetuado com uma navalha nova, por pura questão de segurança e higiene. A utilização de “navalhas coletivas”, que infelizmente ainda se pratica, é extremamente perigosa. Basta que o indivíduo leve uma navalha de boa qualidade.

### ***Qual é o significado do kelê?***

O kelê, em termos poéticos, em termos filosóficos, seria a aliança que o indivíduo faz com o seu orixá quando é iniciado. Em termos litúrgicos, seria o anel que fixa no ará, no corpo do indivíduo, o axé, a energia do orixá. O kelê apresenta estreita ligação com Oxumarê. No poema de Ifá que diz que Oxumarê morde a própria cauda para manter a integridade do planeta, da Terra, vemos o mesmo aspecto e significado muito semelhante ao do kelê. O kelê é um círculo que fixa o axé, fazendo com que o indivíduo permaneça íntegro – em termos filosóficos, no que diz respeito ao candomblé.

Infelizmente, o kelê está perdendo a sua essência. Porque mesmo o iaô usando o seu kelê continua perdendo a *integridade* nos dias atuais – o que é uma pena.

### ***O que é realmente ser um babalorixá?***

Ser um babalorixá é o ápice da hierarquia, é um grau sacerdotal da maior importância, e que, a meu ver, deveria ser professado de forma mais simples e normal. Hoje em dia, nós vemos que o termo “babalorixá” passou quase a ser sinônimo de “celebridade”. Muitos sacerdotes não se veem mais como líderes espirituais, e sim como pessoas que estão acima do bem e do mal. Nós podemos observar que essas pessoas, hoje em dia, em alguns momentos têm um comportamento quase que anormal ao *imaginarem* estar acima de todas as outras pessoas. E o aspecto mais gritante é que elas se veem acima até do próprio orixá – não respeitam um orixá manifestado, não respeitam um mais novo e quando esse mais novo vai lhe pedir a bênção, esse sacerdote, ou essa sacerdotisa, muitas vezes olha para esse mais novo com desdém, como se tivesse mesmo uma aversão

àquele indivíduo, apenas por ser ele mais novo em termos de tempo de iniciação. Esse problema pode ser visto também como uma desvirtuação do ori, como veremos detalhadamente mais adiante.

Muitas vezes, a pessoa tem o cargo sacerdotal, mas não tem o dom sacerdotal. Isso faz com que esse indivíduo se sinta perdido na sociedade, o que o leva a assumir esse tipo de postura. Antigamente, quem fazia parte da nossa religião vivia quase que à margem da sociedade. No final dos anos 1980, início dos anos 1990, houve uma explosão, o candomblé virou moda através das músicas, através das influências vindas da Bahia. No Rio de Janeiro, ser um sacerdote tornou-se “a última moda”. Isso fez com que houvesse uma proliferação de babalorixás e iyalorixás, a maioria sem o menor preparo psíquico e emocional para exercer tal função. O resultado disso é o que vimos acima: o candomblé de hoje encontra-se cheio de pessoas que vivem uma vida praticamente à margem da sociedade e do mercado de trabalho, e que contribuem, com esse tipo de postura, ainda que de forma indireta, para uma nova marginalização do candomblé.

### *O que são os cargos num ilê axé?*

Na realidade, os cargos no ilê axé são concedidos – excepcionalmente, pelo babalorixá, pela iyalorixá – pelo próprio orixá em si, que determina que um indivíduo pertencente àquele ebé passe a ter uma função específica na casa, como zelar, ou preservar determinado ponto ou aspecto inerente à roça. Desse modo, podemos citar aqui uma infinidade de cargos.

O candomblé, como já vimos anteriormente, é professado, da maneira como conhecemos, unicamente no Brasil. Todos esses cargos que nós conhecemos nas casas de ketu foram dados pelas sacerdotisas, pelas iyalorixás mais antigas, com base na nomenclatura iorubana. Em casos excepcionais, quando, por exemplo, a pessoa que exercia determinado cargo falecia, este cargo muitas vezes deixava de existir. Nós podemos citar como exemplo Yá Nassô, que era responsável pelas indumentárias de Xangô no palácio real de Oyó. O mesmo acontecia com bamboxê. O termo bamboxê significa “bambô”, guardião; “oxê”, símbolo sagrado do orixá Xangô. Então,

Obitikô, o negro africano, possuía o seguinte cargo sacerdotal: ele era o bamboxê, o guardião do oxê. Isso nada mais era do que um cargo, e o nome desse cargo foi assimilado posteriormente a Obitikô como parte do seu nome. Hoje em dia, ainda podemos encontrar essa nomenclatura nas casas de ketu mais ortodoxas.

Muitas casas consideradas tradicionais podem até não concordar com isso, mas nós, que somos do Engenho Velho, sabemos que a essência da história de Yá Nassô, de Obitikô, de Yá Detá, de Yá Kalá é exatamente essa.

### *Deká e oyê: quais as diferenças?*

Em termos litúrgicos, o ritual da entrega do deká tem origem na nação jeje, e seria quase que um testamento, dizendo que aquele vodunsi (iniciado) que está recebendo o deká será a pessoa que vai dar continuidade àquela casa após o falecimento do sacerdote anterior. Mas isso no jeje, até porque nas casas de jeje mais ortodoxas não existia a proliferação de novas casas, como acontece nas casas de ketu e de angola. Somente agora, não sei por que, está ocorrendo um novo fenômeno e as casas de jeje estão proliferando, mas até os anos 1980 não se via isso.

O oyê, que é o cargo das tribos ketu, é muito diferente. O oyê não é um testamento. O oyê mostra que o indivíduo está apto, sim, a abrir uma outra casa, a iniciar filhos, a espalhar, a crescer, a proliferar a tribo ketu. Na realidade, o deká faz alusão à morte, ao fato de que o mais antigo está indo embora e passando o cargo ao seu descendente. O oyê, não. O oyê está relacionado à vida, à proliferação de casas de candomblé de uma mesma nação. São coisas distintas, completamente diferentes.

### O que são realmente ogãs e ekédes e quais suas funções?

Vamos começar com ekéde. A palavra “ekéde” significa *segunda pessoa*, segundo a tradução literal do iorubá.

A ekéde é a segunda pessoa na casa. Ela é a yá, a mãe do orixá manifestado. É ela quem veste, é ela quem cuida, é ela quem protege o orixá quando manifestado. A função da ekéde, junto com o babalorixá ou com a iyalorixá, é coordenar o culto dentro da casa de candomblé.

Mas veja: ekéde não joga búzio, ekéde não raspa ninguém, ekéde não inicia ninguém porque ekéde é a segunda pessoa. Só quem pode raspar, só quem pode dar a vida, é quem tem a vida. Eu não estou dizendo que ekéde e ogã não têm vida, não é isso. Mas eles não incorporam o orixá. Se eles não incorporam o orixá, eles não podem dar a manifestação a alguém porque eles simplesmente não têm isso.

A função da ekéde é de coadministrar a roça de candomblé e, principalmente, zelar pelo orixá e seus ibás.

O ogã é o senhor ilustre do ebé. Muito parecido com a ekéde, ele não roda com santo e tem funções bastante específicas, cuidando de aspectos mais pesados da casa. Diferentemente das ekédes, que cuidam da parte administrativa, os ogãs cuidam da parte real, palpável e concreta da casa em termos de cuidados físicos, de reparos nos quartos de santo, de zelar pelos sacrifícios de animais. Diferentemente também das ekédes – a ekéde é uma ekéde, é a segunda pessoa na casa e ponto final –, os ogãs se subdividem em grupos, ou qualidades de ogãs. Entre os ogãs, existem o alabê (responsável pelo toque dos atabaques e pelos cânticos), o pejigan (responsável pelos cuidados com os pejis), o axogun (responsável pelos sacrifícios animais) e por aí vai. Há uma infinidade de cargos para um sem-número de ogãs que podem estar presentes na casa de santo. No caso da ekéde, temos sempre a *primeira ekéde*, a *segunda ekéde*, mas todas serão chamadas “ekéde”, sem a subdivisão em qualidades. Essas são as grandes diferenças e as principais funções desses dois cargos dentro de uma casa de candomblé.

### O que são os abiku e os abiaxé?

Estes são termos extremamente distintos, um não tendo nada a ver com o outro. Os abiku pertencem à nação abiku, que é uma nação que existe no orun, uma nação infantil, cujos indivíduos vêm à Terra com o compromisso de nela não permanecer muito tempo. Alguns deles, por algum fenômeno da natureza e do destino, passam da idade infantil e tornam-se adultos, mas continuam pertencendo à nação abiku e, por esse motivo, não podem ser raspados. Não podem ser raspados, pois toda vez que se raspa uma pessoa, além de se raspá-la para um orixá, ela é raspada também para uma nação. Em outras palavras, quando raspamos alguém, nós o iniciamos para o orixá tal e para a nação tal. Ou seja, raspa-se o inkice tal, para a nação angola; o vodun tal, para a nação jeje; o orixá tal, para a nação ketu, e assim por diante. Só que os abiku não pertencem a nenhuma dessas nações, eles pertencem à sua nação específica, a nação abiku, e não podem ser raspados ou consagrados a nenhum outro panteão que não seja o da nação deles, sob pena da passagem imediata para o orun, seja deles próprios ou de quem se *atreveu* a expatriar esse indivíduo abiku.

O abiaxé é outra coisa: é quem nasce herdando os carregos de um axé. Esse indivíduo geralmente nasce com o carregamento de abiaxé, pois quando sua mãe estava grávida, recolheu-se no *runkó* e passou por preceitos litúrgicos de iniciação. Não é que ele já nasça feito, porque isso não existe – é um absurdo essa mania de se dizer que alguém “já nasceu feito”, é coisa do Rio de Janeiro. Mas essa pessoa já nasce com o carregamento (ou obrigação) de estar consagrada a um axé, ou àquela casa onde sua mãe foi consagrada. Mas nasce filho de um orixá específico, diferente do da mãe, e todas as suas liturgias serão completamente diferentes das que foram efetuadas para a sua genitora. O que o torna diferente dos demais é o fato de ter-se tornado, por esse motivo, um abiaxé. A raspagem da cabeça desse indivíduo é opcional; não é obrigatório raspar o ori de um abiaxé porque ele já foi *gerado*, ou seja, já estava, durante o período embrionário, herdando os carregos do axé. No entanto, todos os outros preceitos referentes à sua iniciação precisam ser efetuados da forma tradicional.

São nomenclaturas diferentes, para situações completamente distintas.

### *O que é necessário para se abrir um novo ilê axé?*

Existem vários fatores que, pode-se dizer, são *indispensáveis* para se abrir uma nova roça, uma nova casa de candomblé.

O primeiro deles, sem sombra de dúvida, é ter o cargo sacerdotal. Sem o cargo sacerdotal, ninguém deve abrir casa de candomblé, porque é uma coisa muito perigosa. O segundo fator, além do cargo, é possuir o dom. Não adianta a pessoa ter o cargo sacerdotal e não ter o dom de ser um sacerdote, ou uma sacerdotisa, porque aí a casa não vai andar. Além do cargo e do dom, tem que ter um mínimo de conhecimento do culto afro e o máximo de bom senso. Porque, tendo bom senso, a pessoa por si só vai saber se tem condição de abrir uma casa de candomblé ou não. Aconselha-se – não vou colocar aqui a palavra “humildade” porque esse é um termo, oriundo do cristianismo, que só serve para atrapalhar a vida do indivíduo – cultivar o bom senso em todo e qualquer momento de sua vida, buscando o aconselhamento dos mais velhos, o aconselhamento do seu próprio orixá em termos de consulta nos pés do ibá, buscar uma terra que seja fértil e perguntar ao orixá se aquela é a terra escolhida por ele, e – importantíssimo – manter a calma, acima de tudo. Porque está havendo uma proliferação muito grande de novas casas, e se isso, por um lado, é bastante positivo para a difusão do candomblé como religião, por outro é extremamente nocivo porque vulgariza o culto e traz ainda a predominância da desinformação. Ou seja, o candomblé atualmente passou a ser mais malvisto do que era em outros tempos por causa dessas pseudocasas de candomblé que estão proliferando e professando coisas que não existem.

### III

## Para entender mais sobre a seriedade do candomblé

### *Qual é a importância de se conhecerem lendas e mitos sobre os orixás?*

É muito importante, principalmente porque as lendas e mitos fazem parte tanto do nosso folclore quanto também, e especialmente, da nossa própria religião. Sem essas lendas, sem esses mitos, o candomblé não teria chegado aos nossos dias e sequer seria reconhecido como uma religião. Então, só por isto se vê a sua vital importância: mitos e lendas que são capazes de transmitir a essência da nossa cultura e que contribuem para que o candomblé seja visto realmente como uma religião e não como uma seita.

Nessas lendas e poemas estão inseridas todas as informações contidas, por exemplo, no jogo de búzios. Essas lendas sempre repetem a história da evolução humana e sempre há determinados momentos na vida de cada pessoa em que o mito vai estar *à frente*. Ou seja, através da repetição de um poema, da narrativa de uma lenda que ilustra um conflito que o orixá teoricamente viveu, podemos reconhecer nossa própria vida e encontrar a solução para os nossos problemas. Essa é a estreita ligação que o ser humano tem com o seu duplo astral, com o seu orixá.

As antigas yás contavam que Ogum era o ferreiro de Xangô, até que este roubou-lhe a esposa, Oyá. Ogum, revoltado, procurou por Xangô para guerrear por Oyá. Entretanto, as ferramentas de guerra que Xangô utilizava haviam sido confeccionadas por Ogum. E por ser Ogum o Senhor dos Metais, as armas metálicas de Xangô não conseguiam feri-lo.

Nessa batalha, Xangô foi gravemente ferido pelo deus da guerra, Ogum. Xangô se refugiou nas matas e foi encontrado por Ossãe, seu curandeiro. Ossãe cuidou dele e lhe deu o oxê de madeira. Esse objeto encantado tinha o poder de emanar fogo e raios de luz. No segundo combate entre Xangô e Ogum, o oxê encantado de Xangô derreteu os metais de Ogum, e foi assim que o rei de Oyó venceu essa luta.

As antigas yás conheciam todas essas lendas – como D. Maria Ramos Bamboxê, a egbomi Maricas do Engenho Velho, que era negra, filha de africanos e analfabeta, e que me contava essas histórias tal como as havia aprendido com seu pai, o Sr. Obitikô, bamboxê. Eu, na realidade, obtive meu aprendizado desse modo, efetuado totalmente de forma oral, como já disse anteriormente. D. Maria Ramos Bamboxê faleceu no dia 18 de agosto de 1986, com mais de 106 anos de idade.

É muito importante conhecermos as lendas da nossa religião. Mas é bom lembrar que todas as lendas e mitos, em qualquer religião, nascem da cabeça do homem, ou de suas vivências. O homem as cria para explicar o “inexplicável”, ou para lembrar feitos históricos e memoráveis de sua civilização. Os mitos, na verdade, explicam ou recontam as histórias dos povos.

Se analisarmos a lenda acima em termos históricos, podemos perceber que a mesma narra, de forma poética, a luta entre duas tribos, ilustrada pela guerra entre Ogum e Xangô, cada um deles orixá patrono de uma diferente cidade.

### **Qual é a importância da água no candomblé?**

A água é um dos elementos mais importantes para a existência da vida. Podemos dizer também que a água é o *sangue branco do reino mineral* no candomblé, e o culto às águas existe até mesmo em nações não litorâneas.

Para toda e qualquer liturgia efetuada num ilê, é sempre necessária a utilização das águas. Conforme a procedência da água, ela terá uma função específica. Nas casas de santo, geralmente utilizamos: água do mar, água de chuva, água de poço, água de

cachoeira, água de rio. E em ocasiões muito especiais, até mesmo água benta.

A água do mar é utilizada principalmente para limpeza, ebós.

A água de poço é utilizada no rito iniciático dos iaôs e em obrigações de tempo.

A água de chuva, além de usada em ebós, é utilizada também na iniciação de alguns orixás.

A água de cachoeira é utilizada em ebós, na iniciação de iaôs e em obrigações de tempo.

A água de rio, para oferendas, determinadas comidas litúrgicas, ebós e iniciação de orixá.

A água benta, para ebós e feitiços.

As quartinhas e porrões de um ilê sempre devem conter água. Aliás, uma quartinha lessé orixá (aos pés do orixá) sempre representará o corpo de seu filho, aos seus pés. Este corpo deve estar sempre cheio de sangue branco do reino mineral (água). Dizem os antigos que uma quartinha virada ou de cabeça para baixo lessé orixá (ao pés do orixá) é sempre um mau agouro para seu filho. Significa que o corpo do filho está sem sangue (sem vida), sem axé. Por conseguinte, o filho poderá sofrer diversos problemas ou distúrbios, entrar em surto depressivo e passar a apresentar problemas comportamentais sérios.

Acreditam os antigos que a quartinha deve ser sempre de barro cru, pelo fato de o mesmo ser poroso como o nosso corpo – também feito de barro. Nanã nos ensina que todos nós viemos do barro e a ele voltaremos.

Mas o costume de se usar louça vem ainda do tempo dos escravos, quando as mucamas roubavam as louças das sinhás para adornar seus orixás. Mas as mucamas sempre se preocupavam em manter as quartinhas de barro em respeito a Nanã, a grande mãe. No entanto, apesar do uso moderno da louça, existem diversos orixás que até hoje se antagonizam com isso. Geralmente, o costume dos ibás de louça foi adquirido somente para alguns orixás, não para todos.

### *O que representam as festas tradicionais nas casas de ketu?*

O culto às águas está ligado às Águas de Oxalá, que é realmente um culto relacionado diretamente às águas também em termos de fertilidade, mas principalmente de renascimento. A festa das iabás, por sua vez, não é essencialmente o culto às águas, como costumamos ouvir. Este culto relaciona-se a toda a essência feminina, ao ato de gerar a vida, que a mulher representa. Ou seja, na festa das iabás cultuamos, acima de tudo, a fertilidade do mundo, de onde vem toda e qualquer manifestação de vida.

Podemos falar do culto à terra no Olubajé, quando são homenageadas as divindades ligadas à terra, de onde tiramos a nossa alimentação e para a qual retornamos quando nossa vida no aiyê chega ao fim.

Podemos falar do culto à energia térmica na Fogueira de Ayrá, quando louvamos o fogo e o seu poder de purificação e transformação – lembrando que foi o elemento fogo que permitiu ao homem primitivo começar a transformar e a dominar o ambiente ao seu redor de acordo com os seus desejos e necessidades.

E falamos especificamente no culto ao ar quando louvamos Oxóssi e Oyá. Oxóssi, por ser o orixá que representa o movimento da caça, o movimento da flecha que se move no ar. E Oyá, por motivos óbvios, por estar diretamente relacionada aos ventos, ao oxigênio, ao ar da vida.

### *O que é o culto a Egungun?*

Em termos filosóficos, podemos dizer que a cosmogonia iorubana possui: começo (Exu), meio (o próprio orixá) e fim (egungun). Em outras palavras: passado, presente e futuro. Por esse motivo, os orixás podem se antagonizar ao próprio tempo. Exu é o movimento, é a energia cinética, é o sopro da vida – o que o faz se antagonizar totalmente a egungun. Egungun é o passado, o morto, o inerte, o que *já passou*; é a essência da ancestralidade. Egungun é eterno, mas não é imutável. A princípio, podemos dizer que o único orixá que não possui um egungun é Exu, por motivos óbvios.

A verdade é que os orixás não foram seres humanos encarnados. Podemos dizer que os orixás são pró-vida. Ou seja: propiciam a vida de todos os seres, pois nenhum ser vivo poderia existir sem fogo, terra, água e ar. Filosoficamente, podemos dizer que os orixás vieram do orun. Cientificamente, podemos dizer que surgiram com a grande explosão que deu origem ao universo: o Big Bang.

Costuma-se dizer que Oyá domina os eguns, mas sabemos que Nanã é, filosoficamente falando, a mãe de todos os eguns. Nanã é a morte, tanto quanto Iku. Sendo Obaluaíê seu filho, rei e senhor da vida, também ele tem domínio sobre os egungun. Aliás, o domínio que Nanã detinha sobre os eguns foi usurpado por Oxalá. Então, este orixá também apresenta estreita ligação com o culto lessé egungun.

Há quem diga hoje em dia que Xangô é um ancestral, mas os pesquisadores se confundem porque a forma original do culto iorubano se perdeu no Brasil. Xangô é o nome de uma *divindade* e as qualidades deste orixá foram todas agrupadas ao seu culto. Quando falamos em Xangô, podemos dizer, ainda, que Aganju – divindade que foi agrupada ao seu culto – é, filosoficamente, o pai do primeiro egun da terra: Babá Alapalá.

Em uma iniciação de orixá, começamos cultuando o bará do orixá. Isso, obviamente, denota o início, o que virá no futuro, o próprio orixá Exu. Quando um iniciado vai abrir uma nova casa, além do Exu do ilê (ojubó ebé), temos que assentar o babá egungun do orixá ebé, dando, dessa forma, um começo, um meio e um final para esse ilê. Ou seja, um ciclo inteiro.

Quando se entra numa casa de candomblé tradicional, na verdade, estamos voltamos no tempo, às nossas origens. Seguindo em linha reta, entramos e encontramos Exu (o começo, que tornará possível o futuro). Seguindo mais à frente, encontramos os orixás (a vida de hoje, presente em nós), e, mais adiante, egungun (o fim de tudo, que se tornará um dia o nosso passado).

Atualmente, o termo *egun* quase que se generalizou para definir todos os espíritos desencarnados, mas isso é um grande erro. Os espíritos desencarnados são conhecidos, a princípio, como *aparaká*,

e poderão ser cultuados posteriormente como egungun, ou não. O aparaká é um estágio. Nem todo ará-aiyê (habitante da terra) se tornará um egungun, mas todo ará-aiyê se tornará um dia um aparaká (espírito desencarnado), e não necessariamente um egungun, ou seja, um ancestral venerável.

Erroneamente, alguns indivíduos vão a cemitérios e pagam cozeiros para recolher ossadas e crânios humanos dos túmulos. Posteriormente, levam tais ossadas para dentro de seus barracões para, dessa forma – segundo eles –, assentar egungun. Isso é um absurdo! É um absurdo porque não se assenta egungun com ossadas; uma ossada pertenceu um dia a alguém, no aiyê. O que é assentado com ossadas torna-se outra coisa, jamais um babá egungun. Mesmo que um egungun fosse assentado dessa forma (e é importante frisar que não é assim que se assenta), isso só seria possível se tal ossada pertencesse a uma pessoa que, em vida, houvesse sido iniciada no candomblé.

O aparaká de um ará-aiyê poderá (ou não) tornar-se um egungun. Obviamente, esse egungun *poderá* vir a ser consagrado ao orixá ao qual esse ará-aiyê pertencia, quando encarnado. Nesse caso, esse egungun será consagrado a esse orixá e receberá o título ou prefixo *babá*. Assim, teremos Babá Alapurió para Oxóssi, Babá Alapalá para Xangô, Babá Ojotopé para Oyá, etc. Esses egungun são vistos ou identificados perfeitamente no Ilê Agboulá, em Itaparica. Mas, por exemplo, o Babá Alapalá que está assentado lá, não é o mesmo que estará assentado em outro ilê.

Para tornar a explicação mais simples, tomemos como exemplo uma filha de Oxum. A Oxum dessa pessoa não é a mesma Oxum de outra. Ela é única, pois tem um nome próprio, um orukó. O mesmo se aplica a egungun. Ele terá um nome genérico, mas se individualizará de forma diferente em cada ilê. Assim como Oxum é uma *emanação* única da mesma energia da natureza (água), a ancestralidade também é única. Ou seja, a emanação é única, e as vertentes serão várias.

Daí, podemos identificar alguns erros primários em interpretações correntemente feitas, tais como: *fulano está com problemas com*

*egun*. Dizer isso é completamente errado, porque podemos perceber agora que egungun é uma divindade. Na verdade, “fulano” está com problemas com um aparaká (espírito desencarnado), e não com um egungun.

Infelizmente, podemos constatar que o termo “egun” se vulgarizou completamente e acabou por trazer grandes confusões. Um egungun nunca se aproxima de um corpo vivo porque ele possui seu ibó (assentamento). Já o aparaká sim, este se aproxima de um corpo vivo, pois ele não possui ainda seu ibó. Aliás, é importante não confundir “ibá” com “ibó”, pois são coisas bastante distintas.

Podemos concluir o assunto da seguinte forma:

Aparaká = Espírito desencarnado

Egungun = Ancestral divinizado

As pessoas que cuidam de um ilê dedicado ao culto lessé egungun geralmente têm uma vida muito simples, como se vivessem mesmo “em outro mundo”. Isso, teoricamente, se deve ao fato de ser a morte o próprio despojamento da vida material. E dizem os antigos que *cultuar egungun é fazer trato com a pobreza*.

Em outras palavras, *quem cultua egungun está sempre com problemas financeiros*, e as pessoas que pertencem a uma casa de culto a egungun têm sempre uma vida das mais simples. O culto a egungun é um culto à ancestralidade, a tudo o que já passou. É um culto ao passado, ao que está morto, ao que não é mais fértil, ao estéril. Logo, por logismo, podemos entender o porquê da infertilidade ou da pobreza (em termos materiais) de quem cultua egungun. As pessoas que pertencem, ou querem pertencer, a este culto, têm que saber que sua vida nunca será rica – no sentido financeiro.

Vida e morte se antagonizam, mas também se complementam, e o culto a egungun é um segmento do candomblé, embora seja apenas uma parte dele. No candomblé, temos casas lessé orixá (dedicadas ao culto aos orixás) e casas lessé egungun (dedicadas ao culto aos ancestrais). Mas trata-se de cultos completamente separados em sua prática. Uma casa lessé orixá é completamente diferente de uma casa lessé egungun.

Orixá = divindade, essência da natureza.

Egungun = ancestralidade, origem.

A vida é feita de ciclos: nascer, viver e morrer. Da morte vem a vida e vice-versa, e estas relações podem ser observadas em vários outros cultos e religiões.

### *O que é o culto aos Pássaros?*

O culto às Senhoras dos Pássaros da Noite é um dos mais antigos de que se tem notícia. É um culto estritamente feminino, e está fortemente relacionado a Oxum. Embora no Brasil tenha se tornado moda apenas muito recentemente, as casas tradicionais de ketu sempre cultuaram tal divindade. Aliás, o culto aos pássaros, às Eleyé, chega a ser um tabu nas casas mais ortodoxas. Nunca se vêem, nas casas tradicionais, aberrações sobre o culto às Eleyé. Primeiro, porque sempre foi, e sempre será, um culto essencialmente *feminino*. Aos homens existe, sim, a restrição. Assim como o culto lessé egungun é um culto essencialmente masculino, o culto às Eleyé é um culto essencialmente feminino, até porque se trata de uma dualidade presente na própria natureza.

A criação tem aspectos femininos e aspectos masculinos, que devem ser preservados. Toda vez que um indivíduo tenta ir contra a natureza, acaba sendo dizimado por ela. E é um risco que as pessoas correm, porque o culto às Eleyé, o culto lessé egungun, é milenar, sempre existiu e sempre existirá, porque sempre haverá nascimento, crescimento e morte. Os homens vão nascer, crescer e morrer, assim como é representado nesses cultos. Só que determinados indivíduos, que insistem em tentar “modificar” a própria natureza, sem o menor conhecimento do que estão fazendo, correm o risco de nascer e morrer antes do tempo.

Essa divindade está ligada às origens do mundo e da própria vida. Sua representação mais importante é um pássaro contido em uma cabaça, que representa o útero (cabaça) e o elemento procriado (o pássaro). Ou seja, dessa divindade é que provém a vida, tanto no aiyê quanto no orun.

As Eleyé estão ligadas à mais antiga origem do mundo, ao poder feminino de gerar a vida, poder do qual dependem todas as divindades femininas do candomblé. Yami é a dona do poder feminino, e o pássaro representa os filhos que as mulheres são capazes de trazer ao mundo, dando continuidade à vida. Aliás, pássaros, folhas e escamas sempre representam descendentes, ou seja, filhos.

O culto às Eleyé é perigoso e evita-se até a pronúncia do seu nome em voz alta porque elas podem dar a vida, ou, ao contrário, negá-la. Yami é uma energia incontrolável, primal, ligada às origens do mundo e à essência da fertilidade. Por isso, deve-se cultuar a sua boa vontade, caso contrário toda a existência no aiyê seria comprometida.

Na África, assim como há comunidades exclusivamente dedicadas ao culto egungun, existem comunidades dedicadas exclusivamente ao culto dessa divindade. A sacerdotisa de qualquer uma dessas sociedades é chamada de yalodê. Yalodê é um título honorífico, que se refere à mulher que chefia uma das sociedades dedicadas a esse culto. A importância de uma yalodê é tanta que ela tem o direito de sentar-se junto ao rei e fazer parte de seu conselho.

As casas tradicionais de ketu (Engenho Velho, Opô Afonjá e Gantois) sempre cultuaram as Senhoras dos Pássaros da Noite, mas isso nunca foi coisa pública. Tal culto sempre esteve reservado aos membros do ebé, ou seja, aos filhos do axé – mais especificamente, às *filhas*.

## IV

### Para compreender as diferenças que existem no candomblé

#### *Qual é a diferença entre as nações do candomblé?*

A diferença mais gritante que podemos encontrar entre as nações mais conhecidas – jeje, ketu e angola –, é a seguinte: as tribos de angola cultuavam, originalmente, na África, os ancestrais tribais, ou seja, cultuavam os ancestrais das famílias da nação angola. Os ketu, como já dito anteriormente, cultuavam as energias da natureza, atribuindo a cada orixá um tipo de energia específica. E os jeje cultuavam a força animal existente na natureza e também no ser humano, expressa por cada um dos “voduns” (divindades cultuadas na nação jeje, diferentes dos orixás yorubanos) de seu panteão. Ou seja, cultuavam a força animal que cada indivíduo traz dentro de si.

Se seguirmos ao pé da letra tais premissas, podemos concluir que as três nações cultuam energias completamente distintas. Angola cultua ancestral, ketu cultua energia da natureza, jeje cultua a energia animal contida no ser humano. Inclusive, no jeje, pode-se falar de forma mais contundente dessa força animal quando se trata do *grá*. O *grá* (força animal, primitiva, que habita o ser) é uma divindade que as tribos jeje cultuam, e antigamente, durante o rito iniciático, fazia-se com que o indivíduo fosse possuído pela energia do *grá*, ou seja, pela sua *energia animal*, para que, em seguida, tomado pelo *grá*, pudesse ser solto na mata a fim de resgatar novamente para si a essência dessa força primal. Depois disso, o *grá* era mandado embora para não mais voltar, e somente então se iniciavam os ritos destinados ao vodum. Tal procedimento não acontece no ketu porque o ketu cultua as *energias da natureza* que estão contidas

no homem. Hoje em dia, muito dessa antiga tradição dos jeje se perdeu.

O *grá*, portanto, relaciona-se à força animal, à força primitiva do ser humano, cultuado nas tribos jeje e especificamente nas famílias cuja essência provém de animais, das aves de rapina, dos grandes felinos, etc.

### *O que são orixás, inkices e voduns e qual é a diferença entre seus rituais?*

Orixá, inkice e vodum são a mesma coisa? Não, são divindades provenientes de diferentes nações, que, embora relativamente próximas na África (nem todas), possuíam culturas, crenças e rituais específicos.

Os cultos a orixás, inkices e voduns diferem bastante entre si e possuem fundamentos bastante distintos uns dos outros. Apesar de toda a mistura, tão comum hoje em dia, casas de vodun são diferentes de casas de ketu, que são diferentes de casas de angola, e a principal diferença está nos rituais.

Por outro lado, o grande problema é que, atualmente, existe uma quase total correspondência entre os nomes das divindades de diferentes nações, e, com isso, as confusões se formaram. A diferenciação entre as nações serve principalmente para manter distintas a cultura e a tradição de cada uma delas. Penso que, cada casa, de cada nação, deveria praticar e tocar, em essência, somente o que pertencesse à sua nação de origem. Acredito que as liturgias, as divindades e a cultura específicas de cada nação deveriam ser sempre preservadas pelos seus remanescentes, especialmente nos dias de hoje, quando já conhecemos muito melhor a história da escravidão e que sabemos o quanto foram misturados nas senzalas povos de diferentes origens e etnias.

Mas, na prática, por que atualmente está havendo tanta confusão entre as nações, se cada uma possui liturgias próprias e se suas divindades são bem diferentes das divindades das demais nações? É conveniente lembrar que os angola foram os primeiros a chegar ao Brasil, sofreram cerca de 400 anos de escravidão e acabaram por

perder quase que toda a sua cultura. Enquanto isso, na África, as tribos de Angola que ainda viviam lá eram dizimadas pelas tribos mais guerreiras e pelos caçadores de escravos. Fato é que a influência dos padres jesuítas, dos senhores de engenho e também dos índios brasileiros fizeram com que, no decorrer desses séculos de escravidão, os angola perdessem quase que completamente a sua cultura religiosa original.

Atualmente existe todo um movimento de recuperação das tradições banto (Angola/Congo), mas não creio que seja possível ir muito além da recuperação dos nomes originais dos inkices. Aqui, no Rio de Janeiro, existem sacerdotes de Angola que estão promovendo cursos de idioma kimbundo com o objetivo de resgatar um pouco das origens dessa nação, mas os próprios dirigentes desses cursos confessam que têm muita dificuldade em ministrar as aulas, pois os adeptos das nações Angola e Congo se recusam a utilizar a “nova” nomenclatura, por estarem muito mais acostumados com os termos de origem iorubá. É muito difícil ver hoje em dia uma casa de angola que toque o ritual angolano puro. E, na minha opinião, os rituais de Angola, em sua maioria, são recriações do ritual nagô, com pouquíssimas exceções. O conceito de ancestralidade também está mais diretamente relacionado à nação Angola. Os jeje, por sua vez, relacionam seus voduns às forças primitivas dos animais; os ketu relacionam os orixás às energias da natureza.

A miscigenação entre os iorubá e os jeje ocorreu de outro modo. Quando os nagô chegaram ao Brasil, já trouxeram em sua bagagem religiosa voduns daomeanos absorvidos ao seu próprio culto, o que é completamente diferente do que ocorreu com os povos banto. Houve dezenas de guerras em território africano, e uma delas, em 1865, terminou com 50% do território Ketu incorporado ao antigo Daomé (Benin). Com isso, ao longo do tempo, houve a união das duas culturas, e os povos dessas nações absorveram divindades e rituais de ambos os cultos. Na própria África, há muito tempo, houve a integração de alguns voduns do antigo Daomé ao culto nagô (Naná, Obaluaiê, Oxumarê, Iroko, Ewá). Quando os nagô chegaram ao Brasil, já trouxeram com eles essa espécie de “sincretismo”.

Em verdade, o que ajudou a formar toda essa confusão entre as nações aqui no Brasil foi o uso corrente do idioma iorubá, que predominou sobre os demais e se impôs praticamente como a língua “oficial” na maioria das casas de candomblé. A verdade é que a cultura nagô se impôs naturalmente sobre as outras – situação esta que, na minha opinião, hoje deveríamos tentar reverter. O que foi misturado nas senzalas, por motivos óbvios, precisa ser colocado em outro patamar.

### *Orukó e dijina: são a mesma coisa?*

Orukó é palavra de origem iorubá, dijina é palavra de origem banto, do dialeto kimbundo.

*Orunkó*, ou orukó – que é o correto, não tem a letra “n” no meio da palavra –, é o nome que individualiza o orixá na cabeça de seu filho. Podemos ter dez, quinze, vinte pessoas de um mesmo orixá, todas filhas de Yansã, por exemplo, mas o orukó é o que vai *individualizar* a orixá Oyá na cabeça de cada uma daquelas pessoas, porque cada pessoa iniciada tem o seu próprio nome.

A dijina, ao que parece, vem a ser quase um *apelido* que o iniciado recebe dentro das casas de angola, para que não seja conhecido o nome completo que o inkice lhe deu quando de sua iniciação, e também para que a pessoa não seja chamada pelo nome de batismo que possui do lado de fora do barracão. Isso porque no candomblé, em todas as casas, de todas as nações, existe este hábito: quando o indivíduo está dentro da roça de santo, não se pronuncia o seu nome de batismo, o seu nome “profano”. Quando o filho de santo está dentro da casa de candomblé, ele é tudo, menos a pessoa que é quando está do lado de fora.

### *O que é “candomblé tradicional”?*

Eu considero como sendo candomblé tradicional o candomblé *real*, o candomblé na *essência da sua palavra*. Hoje em dia, os candomblés estão se modernizando, perdendo suas origens e, como consequência, perdendo também a prática do próprio culto. Os orixás

estão se tornando cada vez mais “fracos”, cada vez mais ineficazes porque são mal cultuados, mal preparados em termos de liturgia, em termos de folhas, de cânticos, de preceitos e até mesmo em termos de resguardo – porque tão importante quanto a feitura, é o período de resguardo. Os candomblés tradicionais mantêm o que era professado desde os tempos de senzala. O que chega a ser muito triste é que os negros atravessaram o Atlântico nos navios negreiros, foram açoitados, castigados, maltratados e sofreram muito para manter viva a tradição daquilo em que acreditavam. Passaram-se séculos e, infelizmente, as pessoas começaram a achar que existe um outro modo de se cultuar orixá.

Bem, se existisse outro modo, o africano o teria feito. Lógico que existem hoje muitas modernidades agregadas ao culto, e também determinados “confortos” que o africano não conhecia porque simplesmente não existiam séculos atrás. Mas existem práticas utilizadas hoje em dia que são gritantes no que diz respeito ao próprio *contra-axé*. Hoje são feitas coisas dentro de uma casa de candomblé que não foram ensinadas daquele modo; muitas delas foram transmitidas da forma tradicional e as pessoas se encarregaram de modificá-las e modernizá-las por conta própria. Como consequência, os filhos dessas casas começam a professar o que veem no dia a dia, sem conhecer a ritualística tradicional e, ao longo do tempo, as mudanças acontecem sem qualquer tipo de controle, descaracterizando completamente o culto. Isso pode ser exemplificado pelo modo “moderno” de se preparar um acaçá: hoje em dia, há casas onde o acaçá é preparado em tabuleiros e cortado como se fosse um bolo. Antigamente, esse tipo de acaçá era ofertado apenas para egungun, mas, hoje em dia, já está sendo ofertado a orixá. E o mais grave, o mais assustador, é que determinados orixás até aceitam isso e, nesses casos, não há o que questionar. O que precisamos questionar é o que acontece depois com a vida dessas pessoas.

## V

### Para discutir questões polêmicas sobre o candomblé

#### *Exu e pombagira no candomblé? Isso é possível?*

A presença de exus e pombagiras de umbanda no candomblé, na minha opinião, tem trazido diversos problemas sérios ao culto. Quando digo a “presença”, refiro-me à forma pela qual algumas casas os tratam. Essas casas ensinam às pessoas que os exus e pombogiras de umbanda são “escravos” dos orixás e, por conseguinte, devem ser assentados – o que não considero correto.

Acho que fazer o assentamento desses espíritos cultuados na umbanda é um procedimento errado e muito grave, porque, penso eu, espírito em evolução não se assenta. Eles são desencarnados, são espíritos livres, têm que ficar soltos “no vento”. Mas, infelizmente, o que reina aí fora é a desinformação, o sincretismo, a crença e uma total desinformação sobre o real culto a Exu enquanto divindade. Enfim, os assentos desses exus (entidades), ao que se diz, levam elementos que nada têm a ver com o Exu dos iorubá, e nem com eles próprios.

Exu é uma divindade iorubana. Então, eu pergunto: por que ele é cultuado com esse mesmo nome em outras nações? Não sei de onde vieram essas informações desencontradas que se perpetuam até hoje. Para a nação angola, o inkice semelhante ao Exu iorubano seria Aluvaiá, para a nação jeje, seria Eleguá.

O fato é que as pessoas vêm da umbanda para o candomblé e acabam “trazendo” seus catiços (espíritos em evolução). E, para mantê-los, inventam que eles têm ligação com este ou aquele orixá. Infelizmente, esse procedimento trouxe sérias confusões para

os adeptos, que confundem, por exemplo, o bará – energia cinética existente na natureza, responsável pelo movimento de todos os elementos – com os exus chamados catiços, ou seja, espíritos desencarnados que incorporam em médiuns para dar consultas a quem os procura. Estamos falando de energias completamente diferentes, que jamais podem ser tratadas da mesma maneira ou colocadas no mesmo patamar.

É importante dizer também que Exu divindade não usa capa e nem cartola, pois tais indumentárias são europeias e não africanas. E também não são presos a reinados e nem a códigos de conduta de qualquer tipo de monarquia, como costumamos ouvir dizer tantas vezes.

O problema que há com o culto a exus e pombagiras no candomblé é que, normalmente, muitos sacerdotes, por total desconhecimento, tentam fazer essas entidades exercerem um papel que não lhes cabe, sem que saibam cuidar de Exu divindade da forma correta, e isso sempre poderá causar sérios transtornos na vida dos seus filhos de santo.

Na umbanda, por outro lado, a coisa é tratada de forma mais séria porque lá as pessoas, os médiuns, dedicam-se somente ao culto dos antepassados – exus, pombogiras, caboclos, pretos-velhos, boiadeiros. Nunca ouvi falar de terreiros sérios de umbanda cultuando bará. A meu ver, o problema existe no sentido inverso: nas casas de candomblé que fizeram uma inversão de valores nesse sentido. O que posso dizer também é que nas casas de umbanda mais tradicionais, os exus e pombogiras vêm mais firmes e dão excelentes consultas. O que não costuma ocorrer nas casas de candomblé.

### ***Caboclos e pretos-velhos no candomblé? Isso é possível?***

Antigamente, isso não era possível, porque essas são entidades ligadas especificamente a espíritos, especialmente os pretos-velhos, que estão mais relacionados à umbanda. O caboclo passou a ser aceito ainda no mesmo período, em meados do século XX, porque a maioria deles estava relacionada às energias dos índios, dos silvícolas, que nada tinham a ver com os brancos e que por isso passaram a ser aceitos.

A presença dos pretos-velhos é mais tolerada nas casas de Angola. Nas casas de ketu mais ortodoxas, ainda não há esse tipo de tolerância com tais entidades da umbanda.

### ***Babalorixá – sacerdócio ou profissão?***

Até meados dos anos 1970, o número de casas de candomblé era bem limitado porque havia no país uma grande repressão política e também religiosa. A partir dos anos 1980, houve uma verdadeira “explosão” no que se refere a novos adeptos dos cultos afro. Tal fato, obviamente, acarretou um crescimento desordenado das casas de candomblé, e, por conseguinte, um aumento, também desordenado, do número de sacerdotes desses cultos. E é justamente por isso que é importante discutirmos o binômio sacerdote-profissional.

Hoje em dia, podemos observar que alguns iniciados anseiam, principalmente e logo após seu Odu Ijê (obrigação de 7 anos), abrir rapidamente um outro axé. Isto acaba fazendo com que pessoas de pouquíssima idade e sem nenhuma experiência de vida cheguem a assumir um cargo sacerdotal em uma casa de candomblé.

Na prática, o que isso acarreta? Acarreta erros rituais sérios, por falta de conhecimento e vivência do culto, e erros no sentido humano, por falta de amadurecimento pessoal para atender pessoas e lidar com seus problemas.

Mas o que leva um indivíduo a ter esse tipo de comportamento? A meu ver, objetivos errados a respeito do que significa o sacerdócio, pois muitos pensam apenas em ganhar dinheiro fácil. Já tive o desprazer de conhecer um (pseudo) babalorixá que tinha apenas 16 anos de idade! Tratava-se de um adolescente, que assumiu a casa de culto de sua mãe carnal, que é iyalorixá, mas que estava – segundo ela – muito cansada fisicamente para dar continuidade ao seu ilê axé, de modo que entregou ao filho o comando da casa. Na época, fiquei em estado de choque com essa postura, tanto da mãe quanto do filho. Um adolescente não sabe nada da vida, muito menos sobre o culto, portanto, não poderia nunca assumir essa responsabilidade.

Mas, infelizmente, o pobre rapaz estava “deslumbrado” com tudo, e a própria mãe me disse: *Bem, ele não gosta de estudar mesmo... Assim, pelo menos o futuro dele está garantido!* Na cabeça dessa senhora, o sacerdócio do filho irá substituir o aprendizado de uma escola e se tornará uma profissão. Vejam bem a seriedade do problema: o filho não gosta de estudar, “não quer nada com a hora do Brasil” e só tem um caminho: ser babalorixá. É por causa de atitudes como essa que a nossa religião está cada vez mais desacreditada.

Essa iyalorixá poderia, sim, preparar o filho para que, um dia, ele pudesse assumir maiores responsabilidades dentro do seu axé, mas permitir que o rapaz assuma *toda* a responsabilidade com apenas 16 anos de idade e sem o menor preparo para isso, para mim, é loucura, é um problema sério, da maior gravidade.

Os omo-orixá dessa senhora estavam descontentes e queriam abandonar a casa, mas ela estava irredutível. Na época, ela me procurou para perguntar se Oyá estava satisfeita com a decisão que ela havia tomado... Infelizmente, essa é a mentalidade de muitos sacerdotes, que confundem cargo sacerdotal com profissão, e têm transformado o candomblé numa religião completamente desrespeitada e desacreditada.

### ***Cobrar ou não cobrar? O que é certo?***

Quando se fala em cobrar por qualquer tipo de trabalho ou de preceito, o próprio nome já está dizendo: “trabalho”, ou ato de se ter qualquer tipo de atividade remunerada. Quando se fala em preceito, estamos falando, aproximadamente, da mesma coisa. Na realidade, em termos de África, sempre que se professava algum tipo de liturgia, costumava-se dar algum tipo de oferenda ao babalaô como modo de cortar a *afinidade* espiritual entre a pessoa que passava pela liturgia e o próprio babalaô que ministrava o ebó, pois desde aquela época sabia-se que o *material* corta o *espiritual*.

Sempre que um indivíduo está fazendo algum tipo de preceito ou de liturgia, entra em forte frequência com quem está “passando” o ebó, seja com o indivíduo *persona* ou com a casa num contexto geral. E a partir do momento em que se paga ou que se oferta alguma

coisa, corta-se essa sintonia através da troca. Por esse motivo, é importante que os trabalhos e preceitos sejam cobrados, não de forma absurda, não de forma vil, mas sempre é preciso cortar essa sintonia, em termos energéticos, com alguma coisa física, alguma coisa material, alguma coisa de valor.

Todo trabalho, como o próprio nome diz, deve ser cobrado sim. A não ser que se trate de uma ação de caridade. Os espíritos que incorporam na umbanda geralmente não cobram porque já estão ganhando evolução. Eu particularmente acho absurdo entidades de umbanda cobrarem alguma coisa, porque, se eles estão evoluindo, o que menos podem desejar é voltar a ter contato com coisas de valor puramente material. Por logismo, subentende-se que eles estão sendo “pagos” em evolução no plano espiritual, pelo auxílio e caridade que prestam a quem os procura.

Mas nós, os vivos, temos a necessidade, sim, de cortar o plano espiritual com o plano material através de um pagamento, que pode ser em dinheiro, velas, grãos, qualquer símbolo, qualquer moeda, um punhado de búzios. Qualquer objeto, qualquer coisa física é capaz de cortar essa sintonia e não apenas o dinheiro.

E o que é essa sintonia? Como exemplo, podemos citar o indivíduo que procura o babalorixá com um problema ligado à saúde e o jogo de búzios determina que se faça um ebó. Quando o babalorixá começa a fazer o preceito, ele entra em sintonia com essa pessoa e é muito importante que essa sintonia seja cortada com algum elemento material, porque somente com esse elemento, a casa, o local onde a pessoa está fazendo o preceito, terá essa sintonia cortada – não é exatamente o indivíduo, mas sim a casa de santo. A não ser que a pessoa esteja fazendo isso – passando esse ebó – fora da casa de candomblé, o que é bastante perigoso, pois se estamos realizando esses “trabalhos” no perímetro de nosso ilê axé, lá estão os nossos orixás assentados para nos dar cobertura e proteção.

### ***Como manter um ilê axé?***

Veja, a casa de candomblé é um templo religioso, e assim como todos os templos, de qualquer outra religião, essa casa precisa se

manter, em termos de contas, impostos, em termos de produtos de higiene, de alimentação. E isso deve ser feito com o auxílio dos membros do ebé. Até quando se cobra por um preceito, geralmente esses valores são convertidos para a manutenção da casa. E hoje em dia podem-se ver muitas casas de candomblé fechando por não ter uma administração condizente.

### *Fui “marmoteado”! O que fazer depois disso?*

O que é melhor fazer quando se descobre ter sido enganado em uma casa de candomblé? Federação? Processo? Polícia? O que fazer se a constituição brasileira nos garante liberdade religiosa? Geralmente, quando a pessoa descobre que foi enganada (“marmoteada”), já pode ter se passado algum tempo. O que fazer nesses casos?

Esse tema é muito importante, pois atualmente diversas pessoas vêm passando por tal situação e muita gente acaba por abandonar o culto. Acredito que tal problema vem assumindo grandes proporções, na mesma medida em que o candomblé vem ganhando cada vez mais adeptos.

Na verdade, tudo depende de cada situação. Em princípio, quando vamos para uma casa de candomblé, sempre temos a certeza de que aquela casa é a melhor para nós. Mas quando a pessoa tem absoluta consciência de que foi “marmoteada”, deve procurar conselho com outros sacerdotes e checar o tamanho do erro através de consulta ao oráculo. Escolher uma nova casa, por outro lado, sempre é muito complicado. Nesses casos, a pessoa não deve se apressar porque corre o risco de cair em outra armadilha. O melhor é cuidar do que for urgente e somente depois de algum tempo entrar para outro ilê. E só deve entrar depois de muito observar o sacerdote e seus filhos de santo. Deve-se observar também se os ebós que aquela pessoa faz dão resultados positivos. Por isso, durante algum tempo, o melhor é ser apenas um cliente, sem maiores vínculos e compromissos.

Essa situação – sair de uma casa por causa de erros litúrgicos – geralmente é muito perigosa, porque não existe coisa pior do que “marmotagem”, isso pode arrasar com a vida de qualquer um. E

pior do que ser “marmoteado” uma vez, é ser mais de uma, é quando a vida da pessoa se torna o próprio caos.

No Rio de Janeiro, os índices chegam a ser alarmantes, vergonhosos. As pessoas são “raspadas” para orixás que simplesmente não existem, não passam por preceitos corretos, muitas nem passam por ebós. Pergunto: como se pode raspar um orixá sem que se façam ebós? Posso garantir que se um indivíduo somente alimentar seus orixás, sem passar por nenhum ebó, jamais terá um resultado satisfatório. Ao contrário, talvez o orixá nem aceite tal oferenda. O resultado é sempre muito ruim para as vidas das pessoas que passam por essas situações. Aí, muitas delas que foram “marmoteadas”, largam o candomblé, vão para igrejas evangélicas e depois dizem as piores coisas sobre a religião – e, infelizmente, com toda a razão.

As pessoas deveriam ser melhor orientadas quanto à postura correta e ao código de conduta junto às casas de candomblé, até porque cada “filho” possui um ori próprio, único, que marca profundamente seu perfil comportamental e – hierarquicamente falando – orixá e ori apresentam a mesma importância. Como já diziam os antigos, o ori é o elemento mais *traíçoeiro* que existe dentro do candomblé. Muitas vezes, o orixá do indivíduo não quer ser cultuado em um determinado axé, mas o ori do teimoso sempre fala mais alto, e a pessoa acaba entrando para uma casa que seu orixá, na verdade, não escolheu, e sim o seu próprio ori. Quando isso ocorre, após a realização dos preceitos – que acalmam o ori –, começam a surgir antagonismos entre o orixá e a casa de santo, tudo isso causado pela precipitação daquele ori, que não soube aguardar a manifestação da vontade do orixá na escolha da casa certa.

Quando se está com alguma dificuldade, comumente se faz um ebó para resolver o problema. Mas para que esse problema seja resolvido, é necessário que o ori esteja bem fortalecido, até porque orixá não resolve o problema de ninguém. Ao contrário do que a maioria das pessoas imagina, orixá está sempre acima dos problemas dos mortais. Ele é uma energia limpa, pura, e está presente no homem para nos trazer paz, alegria e equilíbrio. Os problemas da vida são resolvidos, segundo o candomblé, com o auxílio dos ebós.

Yemanjá não sai das profundezas do oceano para arrumar emprego para ninguém. Oxum não sai do rio para pagar as nossas contas. O que resolve tais problemas são, obviamente, os ebós, que são destinados aos caminhos do indivíduo na terra. Orixá nunca pede nada, nem precisa pedir. Orixá mostra o caminho e diz que precisa ser reverenciado na cabeça de seu filho, para que este adquira uma relação mais profunda com a referida divindade.

É importante pararmos de associar ao orixá as nossas características comportamentais. Nós, ará-aiyê, precisamos ir ao rio, sim – para cultuar Oxum –, mas isso é outra coisa. O que ocorre é que, infelizmente, as pessoas atribuem aos orixás características quase humanas, esquecendo que estes são energia pura, limpa, acima das fraquezas terrenas. Orixá, ao contrário do que muitos pensam, não possui forma humana. Oxum é água doce e pronto. É energia hídrica da natureza, espalhada no mundo e presente no corpo humano, de modo que a pessoa não precisa estar imersa nas águas de um rio para estar manifestada com Oxum.

Por tudo isso, por desconhecimento e ignorância, é que há tantas pessoas “marmoteadas”, abandonando a religião todos os dias. E um dos aspectos mais graves, a meu ver, é a proliferação desordenada das casas de candomblé no Rio de Janeiro. No ano 2000, a Uerj tentou fazer um mapeamento das casas existentes na cidade, mas esse trabalho teve que ser interrompido pelo fato de, a cada final de semana, serem inauguradas cerca de três ou quatro novas casas num mesmo bairro.

### *Quando se troca de casa: como e por que isso acontece?*

Debater sobre a mudança de casa é tocar num ponto bastante polêmico. Vamos começar por causas e efeitos. Por exemplo: quais as razões, que são várias, que levam uma pessoa a sair da casa onde foi iniciada?

Existem vários motivos para que isso aconteça: falta de preparo do sacerdote para administrar a casa; falta de preparo para lidar com os filhos de santo; pouco conhecimento sobre o culto, o que leva a erros que prejudicam a vida das pessoas; fofocas e maledi-

cências entre os membros do ebé; as dificuldades e sacrifícios que o candomblé exige, que muitos não suportam; a falta de entendimento do que é crescimento espiritual; a não aceitação da hierarquia; a facilidade de encontrar outras casas; a falta de paciência dos iniciados de seguir o curso normal de aprendizado; precipitação do ori na escolha da casa, como já foi visto, etc.

No entanto, há um outro motivo, ainda mais sério do que os que já foram citados, que é a falta de ética de certos babalorixás, que induzem os filhos de outras casas a saírem das mesmas. Hoje em dia, isso virou coisa comum, infelizmente a ética está acabando. Esses casos talvez ainda sejam raros na Bahia, mas nos outros lugares tornou-se rotina.

Hoje em dia, aqui no Rio de Janeiro, é fácil se ouvir de um filho de santo: *Me dá meu santo. Vou para a casa de fulano. Lá que é bom!* Como administrar as atitudes de várias pessoas com costumes, temperamentos e níveis sociais diferentes? Esse é um dos grandes problemas de uma casa de candomblé, e administrar isso é a coisa mais difícil que conheço, pois requer muita paciência, tolerância e firmeza de qualquer líder espiritual.

Isso ocorre também porque, no Rio de Janeiro, não existe uma federação atuante, nenhuma delas tem peso suficiente para regular e controlar o que se faz nas casas de culto. Por exemplo, fazer isso em Salvador pode criar sérios problemas para uma casa de candomblé. Aqui no Rio, há falta de ética até mesmo entre as próprias federações.

Infelizmente, no Rio de Janeiro o abiã faz santo em uma casa, dá obrigação de 1 ano em uma segunda, a obrigação de 3 anos irá ocorrer em uma terceira, a de 7 anos em uma outra, e o resultado disso, lógico, é catastrófico para todos. E, após a troca de casa, o que ocorre? Mistura rituais, nações e ensinamentos, faz um “mix” de tudo e acaba abrindo um axé onde são professadas coisas dispersas. Este é o retrato das novas casas de candomblé do Rio de Janeiro, quadro triste e perigoso, por sinal.

Na Bahia, se uma pessoa quiser sair de uma casa para outra, tem que ter autorização da federação e isso resulta em investigação por parte deles. Ou seja, se alguém quiser sair do seu axé, primeiro tem

que ter uma carta de autorização do sacerdote, dizendo, inclusive, o porquê do pedido de saída; em segundo lugar, é necessária uma carta de aprovação por parte de quem está aceitando a pessoa. A investigação é feita pela federação, para que não haja mal-entendidos por parte de quem está liberando, nem prejuízos para quem está saindo. Esse procedimento obriga tanto o sacerdote quanto o iaô a falarem a verdade sobre o motivo da saída.

Se a federação baiana tem esse poder, é porque o conquistou à custa de muitas lutas e seguindo uma tradição de muitos anos, coisa que não ocorre no Rio de Janeiro. Aqui no Rio, por conta dessa verdadeira peregrinação de uma casa para outra, o resultado é a total descaracterização do culto. Acho que, aqui, dificilmente esse tipo de controle e fiscalização acontece, pois nunca existiu essa cultura.

Na Bahia também há casas que não são registradas, mas os problemas com a federação começam a acontecer desde o início, e mais ainda quando os membros dessas casas dão obrigação de 7 anos. Podem até receber oyê, mas não conseguem liberação para abrir um novo axé. Se insistem, a casa pode ser fechada a qualquer momento, e a própria federação trata disso. Isso está corretíssimo. Infelizmente, tal conduta jamais será aplicada em termos de Rio de Janeiro. Assim como a federação baiana deu certo por razões históricas, as federações do Rio não deram certo, também por razões históricas. Acho muito difícil que isso mude, e, mesmo que seja possível, vai demorar muito tempo. Aqui no Rio existem dezenas de diferentes federações afro-brasileiras atuando. Qual delas teria “força maior” para agir?

Uma federação, para dar certo no Rio, teria que ser dirigida por alguém que tivesse força perante as casas, alguém que fosse uma “unanimidade” entre o povo de santo, mas, infelizmente, no momento, não temos essa figura disponível.

### *Por que o sacrifício de animais é necessário?*

Sabemos que o candomblé surgiu aqui no Brasil com a aglutinação de várias etnias numa mesma senzala. Sabemos também que, na África, a caça era uma prática normal. E o candomblé mantém

o culto à caça e à alimentação até os dias de hoje. Os animais sacrificados em louvor aos orixás servem também de alimento aos membros do ebé. Nada é desperdiçado ou jogado fora.

Partindo para um lado mais litúrgico, podemos dizer que o ato do sacrifício de um animal relaciona-se igualmente à troca de axé. Fato é que, ao sacrificarmos um animal a um orixá, oferecemos a ele o axé desse animal, a sua energia vital. Em troca, recebemos o alimento. Dessa forma, para nós, é possível que nos “reliquemos” às energias da vida. Para nós, do candomblé, o sacrifício de animais sempre foi e sempre será necessário.

A forma pela qual as galinhas de granja são mortas é bastante violenta, mas as pessoas não se importam com isso quando compram frangos no mercado. Por que, então, criticam tanto o sacrifício animal no candomblé? Por puro preconceito, só isso.

Do mesmo modo que no cristianismo fazem-se preces, uma de nossas liturgias sagradas envolve esse tipo de sacrifício. Mas as pessoas, por desinformação, ou por puro preconceito, veem a nossa religião com maus olhos quase que exclusivamente por influência dos sacrifícios de animais e esquecem que várias religiões e seitas também utilizam esses sacrifícios.

Até mesmo a filosofia nórdica, praticada no norte da Europa, até os dias de hoje, utiliza o sacrifício em determinadas liturgias. Também os judeus costumam “imolar” um bode para “expiar” seus pecados, uma semana antes do dia sagrado deles. Daí o termo “bode expiatório”. Na ordenação dos padres, imola-se um cordeiro, e seu sangue é colocado no alto da cabeça dos noviços que estão se consagrando à Santa Madre Igreja. É o cordeiro de Deus, que tira os pecados do mundo. Isso significa que o padre, a partir daquela data, passa a ter o poder de tirar os pecados dos homens através da liturgia da confissão. O grande teste de virilidade dos índios norte-americanos é caçar e matar o bisão (búfalo norte-americano). Como podemos perceber, diversas são as culturas que professam o sacrifício de animais.

Para nós, do candomblé, o sacrifício dos animais remonta à própria caça, à busca do alimento, que mantém a vida.

### *Ebó e simpatia: qual é a diferença?*

O que diferencia um ebó de uma simpatia? A simpatia faz parte da cultura popular brasileira e nasce com base na intuição (ou criatividade), enquanto que o ebó é tirado no jogo por orientação de Ifá e dos orixás. Como as simpatias estão relacionadas a costumes populares, não necessitam de um oráculo para que sejam conhecidas.

As simpatias são utilizadas em diversas seitas e religiões, inclusive no catolicismo. Esses exemplos são muito observados nas festas juninas no interior do Brasil, em cidades pequenas, quando são realizadas várias delas, algumas consideradas bastante tradicionais em termos de folclore. Nas festas juninas, observamos as pessoas fazendo simpatias para o “santo casamenteiro”. Costuma-se também “pegar o pão de Santo Antônio”, para obter fartura. Costuma-se pular a fogueira, para ter sorte. No país basco, acredita-se que aqueles que pulam a fogueira na noite de São João ficam livres dos malefícios do diabo por um ano. Isso é simpatia.

Costuma-se fazer simpatia para afastar bronquite. As pessoas pulam sete ondas na beira da praia para ter sorte no amor. E não se pode esquecer a facada na bananeira à meia-noite, para ver qual é a letra que a seiva vai formar, a qual, segundo a crença popular, é a inicial do nome do futuro marido da moça que faz essa simpatia.

Na umbanda existe também uma infinidade de simpatias ensinadas pelas entidades que lá incorporam. As revistas também publicam muitas delas e, infelizmente, esse costume popular vem sofrendo uma derivação extremamente perigosa para o candomblé: simpatias estão sendo confundidas com ebó e, atualmente, podemos ver receitas absurdas em jornais de grande circulação.

Por que isso vem acontecendo? Seriam, talvez, costumes trazidos da umbanda para o candomblé. Muitas vezes, as entidades de umbanda que incorporam no babalorixá ensinam muitas simpatias, e esses zeladores acabam passando essas receitas para o cliente num momento de jogo. São simpatias que mais parecem ebós. Na maioria dos casos, no entanto, o que se vê são coisas descabidas e absurdas.

Os ebós são recursos utilizados apenas pelo candomblé, e não há “receitas de bolo”. Sua necessidade é afirmada no instante que o oráculo traz uma resposta para o consulente. O jogo de búzios não ensina simpatias, mas muitas pessoas que jogam búzios ensinam o que querem, certamente por desconhecimento dos ebós. E, na maioria das vezes, o consulente nem sabe disso. Se aquele que está interpretando o jogo não entender corretamente a mensagem de Ifá, fatalmente indicará uma simpatia em vez de um ebó, agindo contra o que os búzios estão determinando, pois, em toda consulta ao jogo de búzios, provavelmente será sugerido um ebó pelo oráculo. Ignorar isso é uma afronta aos orixás e a Ifá.

Mas, infelizmente, o babalorixá poderá acrescentar o que ele quiser a um ebó; se o consulente é pessoa leiga, dificilmente irá questionar o que lhe for dito ou solicitado. E mesmo que o cliente não seja leigo, acabará concordando com tudo porque o seu real desejo é ter os problemas resolvidos.

Inventar coisas que não existem ou sugerir simpatias para um cliente diante do jogo de búzios é um absurdo. Até porque, segundo Ifá, cada ser é único no universo. Uma coisa que é boa para um pode ser muito prejudicial para outros. Talvez seja esse o grande motivo de tantas atrocidades que se cometem hoje em dia.

No candomblé, toda e qualquer oferenda efetuada é um ebó. O simples fato de se passar um determinado número de elementos no corpo de alguém já caracteriza um ebó. Entretanto, esses ebós devem ser sempre tirados através de um jogo de búzios. Por isso, devemos separar bem o que é um ebó do que é uma simpatia. Não estou dizendo que a simpatia não funciona, não é isso. Entretanto, poderá funcionar ou não, e não causará malefícios porque é inócua. Se não fizer bem, mal também não fará. Mas o ebó, se for feito corretamente, sempre funcionará, pois é bem mais complicado e envolve elementos muito diferentes daqueles que se usam para fazer simpatias. O ebó sempre irá funcionar, ainda mais se for retirado de uma consulta ao jogo de búzios. Enquanto que a simpatia pode apenas e unicamente não funcionar, um ebó, se mal conduzido, poderá trazer resultados catastróficos a um indivíduo,

pois há ebós que podem ser muito perigosos se forem feitos da forma errada.

Há uma infinidade de histórias trágicas de ebós malfeitos. Posso citar diversas. Por exemplo: no Rio de Janeiro, podemos ver atualmente o que eu chamo de “obará-mania”. Ou seja: tudo é Obará. “Despacha-se o odu da pessoa” – como se isso fosse possível! Odu não se “despacha”, apenas “agrada-se”. Uma pessoa sem Odu (sem destino), o que estaria fazendo aqui na terra? – e depois agrada-se a Obará. Obará, como qualquer outro odu, também traz seus *carregos*, tão ou mais pesados do que os dos outros odu. Daí, podemos observar que os resultados nem sempre são os esperados, podendo mesmo ser totalmente contrários.

Existem também os “assentamentos de odus”, o que chega a ser absurdo mesmo.

É por isso que, hoje em dia, o povo de candomblé morre tão cedo! Antigamente, o povo de candomblé só morria de velhice. A gente ainda encontra em Salvador aquelas yás de 95, 100 ou até 106 anos na Lavagem do Bonfim. Hoje em dia, os babalorixás morrem assassinados, iaôs sofrem acidentes terríveis, casas abrem e fecham em pouco tempo. De tanto se *despachar odu*. A falta de conhecimento do culto, somada à falta de humildade perante Ifá e os orixás, é o que, na minha opinião, está acarretando essas fatalidades.

Hoje em dia, infelizmente, os iaôs preferem ir buscar o aprendizado em casas alheias do que receber os ensinamentos em seu próprio axé. Preferem fazer o que viram na casa do amigo (porque acharam mais interessante), do que professar o que aprenderam em sua própria casa.

### *Existe feitura de santo errada?*

Acreditam os iorubá que existe no orun um duplo de cada um de nós. Acreditam também que ambos – os ará-aiyê e seus duplos – estão interligados, mesmo existindo em mundos opostos. Quando esse *elo de ligação* se enfraquece, o indivíduo passa a apresentar um comportamento instável. A esse comportamento instável costuma-se chamar de *problema espiritual*.

O rito iniciático, portanto, tem como objetivo principal *religar o indivíduo ao seu orixá, ao seu duplo astral*. O ato de “raspar” um orixá significa estabelecer o término de um ciclo (ou de um período de vida) para o nascimento da nova vida daquele indivíduo *lessé orixá* (aos pés do orixá).

Por essas razões, dizem os antigos que *não é possível se fazer um orixá errado*. Teoricamente, quem se manifesta na cabeça da pessoa *sempre é o seu próprio orixá e somente ele*, qualquer que seja o nome pelo qual o chamem, qualquer que seja o tratamento que lhe deem, ou as vestes com as quais o adornem.

Por exemplo: imaginemos uma pessoa de nome “Bernadete”. Essa pessoa acabou de chegar a uma terra onde ninguém a conhece e onde se fala um idioma que lhe é desconhecido. Nessa terra ou país, “Bernadete” só conhece uma pessoa: o babalorixá. Então, por alguma razão, esse babalorixá começa a dizer para todo mundo que o nome dela é “Natasha” em vez de “Bernadete”. Diz também que o prato predileto dela não é macarronada e sim chucrute. Sabe o que vai acontecer? Todos vão acreditar naquele intérprete – o babalorixá. Mas, com o passar do tempo, “Bernadete” acabará aprendendo o idioma ou o dialeto utilizado naquela terra. Tempos depois, ela conseguirá aprender palavras suficientes para que possa se comunicar e começará a se manifestar, dizendo que não se chama “Natasha”, mas sim “Bernadete” – “Bernadete” é o seu nome verdadeiro; ela poderá dizer também que detesta a comida que lhe servem; poderá dizer que detesta a cor da roupa que lhe dão para vestir, ou o lugar que lhe deram para morar. Em outras palavras, ela poderá começar a *revelar a sua verdadeira identidade*.

Quando um orixá vem ao aiyê, ele é alimentado, banhado, vestido e ensinado. Imaginemos por um instante a seguinte situação: Oxum veio à terra, mas foi cultuada como Xangô. Foi alimentada, banhada e doutrinada como Xangô. Mas, com o passar do tempo, Oxum acaba *aprendendo* a se comunicar da forma correta e consegue se revelar como ela mesma, e não como Xangô. Caso não seja ouvida na casa onde está, Oxum encontrará um meio de fazer-se compreender, mesmo que longe dali.

O orixá é o nosso duplo. Portanto, jamais nos abandona. Afinal, ninguém conseguiria ficar sem o seu próprio *eu*. O orixá, nesse caso, apenas se revolta e começa a dar sinais de sua real identidade – o que poderá trazer sérios problemas para a vida da pessoa em questão. *Não é possível que um orixá diferente, que não seja o dono daquele ori, possa se manifestar naquele ará, pois isso não estaria de acordo com a lógica da natureza, sendo o orixá o nosso duplo astral. Água será sempre água, mesmo que alguém insista em denominá-la “fogo”.* Na verdade, quando a pessoa vai para uma nova casa onde o seu orixá verdadeiro é reconhecido como tal, todos os ritos deverão ser efetuados com o objetivo de *dar o tratamento adequado* àquele orixá, levando-se em conta a sua real natureza.

Além do jogo de búzios – que é imprescindível e insubstituível na prática do candomblé –, existem diversos mecanismos rituais para que tais erros sejam evitados, como, por exemplo, na cerimônia do orukó, quando o orixá – ele mesmo – traz a público seu nome, nome pelo qual seu filho, o iaô, será conhecido a partir daquele dia.

Infelizmente, esse tornou-se um problema cada vez mais comum atualmente e as pessoas que apresentam tal problema não são poucas. Ou seja, foram iniciadas para um orixá que, em essência, não seria o delas.

### ***Despachar santo: certo ou errado?***

Isso é um crime, é um absurdo, é uma afronta ao orixá, até porque o orixá nunca sai do lugar onde nasceu. Nunca. Nem que o mundo deixe de ser mundo. O orixá tem estreita ligação com a terra, com o globo terrestre, com o campo ou com a localização geográfica da terra onde nasceu, exatamente como se fosse uma árvore. Uma árvore plantada cresce e se fortalece cada vez mais, à medida que suas raízes invadem o solo ao seu redor. Se arrancarmos essa árvore do lugar onde nasceu, ela vai enfraquecer e acabará morrendo. O orixá, como força da natureza que é, apresenta o mesmo padrão. Na realidade, o orixá não morre nunca, mas, se for retirado de seu lugar de origem, torna-se muito fraco e incapaz de *segurar* a cabeça de seu filho.

O ato de se despachar um santo, de jogar um ibá e seus elementos fora, torna-se um contra-axé para a casa e para o babalorixá que se atreve a ter uma atitude dessa com uma energia tão grande como a energia de um orixá, que é energia da própria natureza. Energia esta incontrollável, porque ninguém tem controle sobre os fenômenos naturais, muito menos um babalorixá ou uma ialorixá. Pode até ser que, a princípio, o sacerdote não sofra qualquer tipo de consequência, mas pode-se contar que, com o tempo, as sequelas para esse zelador ou para essa zeladora serão bastante graves e irreversíveis.

### ***Livros sobre o candomblé: necessários ou desnecessários?***

Até que ponto os livros prestam um serviço de informação ou de desinformação ao público? A meu ver, em certos casos, o estrago é bem grande. As pessoas deveriam entender que os livros existem para que haja informação histórica, antropológica, cultural, mas não para informação ritual. Ritual só pode ser aprendido no dia a dia, dentro do axé. Os livros podem ser úteis, em alguns casos, para aprimorar os nossos conhecimentos num contexto geral, mas nunca para substituir o aprendizado prático.

As pessoas leem, por exemplo, sobre jogo de búzios e acham que, por isso, já podem sair por aí jogando. Ou, usando outro exemplo, acham que por terem lido sobre o culto lessé egungun podem cultivar os babás. O problema maior é que não há qualquer tipo de orientação, não é como no colégio ou na universidade, onde os alunos leem obras indicadas. Existem alguns livros cujo título é um e o tema tratado é outro, e os leitores geralmente não sabem qual é o verdadeiro conteúdo de uma obra. Observam apenas a capa e o tema. É como atirar no escuro.

A visão de um antropólogo, por exemplo, se ele não pertence ao culto, nunca será a visão de um verdadeiro omo-orixá. Há quem apenas leu os livros de Pierre Verger e, por isso, se sente no direito de “ensinar” rituais às pessoas, como se tivesse nascido na África. Assim, afirma coisas falsas como se fossem verdades absolutas, e isso confunde muito a cabeça dos leitores. Os livros de Verger, aliás, têm muito valor histórico, mas não ritual. Além disso, há

muitos livros que exprimem apenas a opinião do autor, que, muitas vezes, nem pertence a um axé tradicional. Na minha opinião, alguns pesquisadores são, na verdade, bastante responsáveis por muitos absurdos que podemos encontrar atualmente em determinados livros. E não podemos esquecer que *nenhuma casa de santo tradicional revela seus segredos a quem não pertença ao axé*. Dessa forma, muitas informações distorcidas foram disseminadas e até mesmo perpetuadas por várias publicações.

Mas qual é o critério para se lançar um livro sobre os cultos afro no Brasil? O critério é da editora, sempre, mas não existe, que eu saiba, uma comissão que seja capaz de avaliar esses livros sob o ponto de vista ritual antes de serem publicados. Na maioria das vezes, o editor não conhece o assunto, e, se conhece, é de forma superficial. Sendo assim, não pode emitir julgamentos críticos. O resultado disso é que existe um grande número de livros que tentam apenas ensinar, indiscriminadamente, todo e qualquer tipo de ebó – principalmente quando se trata de ebós e oferendas relacionadas a odu –, preceitos errados, simpatias, feitiços e amarrações, denegrindo ainda mais a imagem das religiões afro perante os leigos, e levando os adeptos a acreditar que o culto é feito disso.

Temos a oportunidade de observar que, em certas regiões do país, as informações que os praticantes têm do culto são, na maioria das vezes, obtidas através de livros. Mais ainda no sudeste, especificamente em São Paulo, podemos observar, por amostragem, que a grande maioria dos praticantes “guia” o culto através dos livros. A maioria das casas atualmente em São Paulo pertence a baianos, que migraram do Rio, e também de cariocas que foram para lá em busca de melhorias financeiras. Pode-se dizer que o candomblé migrou da Bahia para o Rio de Janeiro, pelo fato de o Rio ter sido a capital da República. Ou seja, muitos vieram para a “capital” em busca de melhores condições de vida. Do Rio, o candomblé espalhou-se, indo para São Paulo e outras regiões do país. Mas, infelizmente, nos dias de hoje, a população que frequenta o candomblé, de modo geral, está marcada pela desinformação, e a maioria dos livros que estão aí contribui mais e mais para isso a cada dia.

### *Ética: ainda existe nos dias de hoje?*

A verdade é que não existe ética no candomblé. Por quê? Porque o candomblé, apesar de ser uma religião, trazida da África, teve que sobreviver à margem da sociedade branca, o que, muitas vezes, obrigava os adeptos a tomarem certas atitudes sem levar muito em conta tal conceito. Tanto que muito foi perdido na nossa cultura devido ao egoísmo de muitas iyalorixás mais antigas, que preferiam morrer a transmitir os conhecimentos que possuíam. A consequência desse tipo de postura, tão comum nos tempos mais antigos, foi a perda (irrecuperável) de muitos aspectos importantes do culto.

Hoje, em pleno século XXI, já no terceiro milênio, nós ainda podemos observar pessoas no candomblé sem um mínimo de educação, de bom senso, de respeito pelo seu semelhante, e sem nenhuma ética mesmo. Em toda roça de candomblé, por mais que se tente ser “elitista”, a todo momento nos vemos frente a frente com pessoas oriundas de outras casas que vêm repletas de informações grosseiras, grotescas e de mau gosto, que somos obrigados a ouvir – no mínimo, por educação –, mas apenas para ficarmos extremamente chocados com as aberrações praticadas hoje em dia.

Infelizmente, o conceito de ética, em termos de candomblé, é, no mínimo, inaplicável. Se bem que nós podemos ver que, em outras religiões que estão surgindo, isso também acontece, pois os próprios fiéis rivalizam-se com outros. Podemos dizer isso sobre algumas igrejas evangélicas, pois é fato conhecido que umas igrejas simplesmente segregam outras, apesar de ambas pregarem praticamente a mesma filosofia. Então, esse conceito de ética religiosa, no Brasil, é realmente muito questionável.

### *Existe realmente o dia de Obará?*

Eu discordo desse novo conceito. Acho que se criou o hábito de se cultuar um determinado odu quando há coincidência entre o dia do mês e o número do odu referente. Hoje em dia, é quase um hábito se cultuarem os dias 2/2, 3/3, 6/6, relacionando-os aos

respectivos odus. Muita gente afirma que isso funciona, e, se funciona, é pela cabeça, pelo ori da pessoa, que nisso acredita. Mas isso não existe, porque o calendário iorubano não era regido por essas datas, e por esse motivo não é bem assim que se dá essa relação entre os meses do ano e os odus.

Mas eu não condeno quem professa esse tipo de liturgia porque isso está praticamente virando um costume, e o candomblé é o resultado da reunião, da aglutinação dos costumes de um povo heterogêneo como o nosso.

### *Candomblé e ecologia combinam nos dias de hoje?*

Na realidade, é quase um antagonismo. Se nós, no candomblé, cultuamos as energias da natureza, deveríamos ser os primeiros a preservá-la, por ser a nossa Grande Mãe. Então, é quase antagônico ir à cachoeira, à casa de Oxum, e colocar em suas águas um monte de coisas, um monte de porcarias, deixando imunda a "casa" da santa que cultuamos. Na realidade, o povo do candomblé deveria utilizar sempre elementos orgânicos, pois estes podem ser colocados na cachoeira, já que se decompõem. Só que, atualmente, pelo fato de as pessoas buscarem a praticidade acima de tudo, estão sendo colocados objetos de plástico e coisas que levam muito tempo para se decompor. Por esse motivo, por ironia do próprio destino, o povo do candomblé, que cultua a natureza de forma subjetiva, vem acabando ou vem contribuindo para a morte da própria natureza.

As pessoas vão à praia, teoricamente cultuar Yemanjá, vão à casa de Yemanjá e fazem uma grande sujeira na casa da santa. Acredito que essa orixá não deve gostar disso, assim como Oxum também não. E o candomblé é um culto extremamente ecológico. Nós cultuamos as folhas, nós cultuamos as árvores, nós cultuamos as energias que estão dispersas na natureza.

Antigamente, o povo do candomblé era um povo mais limpo, mais consciente, tudo era feito de forma extremamente discreta. As próprias oferendas eram colocadas na natureza para que a própria natureza se incumbisse de assimilar, de decompor aquilo como forma de aceitação. E esse costume vem sendo abolido, ou seja, as pes-

soas vêm colocando coisas na natureza que não se metabolizam e, por conseguinte, penso eu, a natureza também não aceita essa oferenda. Evidentemente, as pessoas deveriam pensar com mais cuidado e responsabilidade sobre esse conceito ecológico do candomblé.

### *Por que ainda existe tanto preconceito contra o candomblé?*

O preconceito vem, obviamente, pelo cunho racial em primeiro lugar. A essência do candomblé vem da África, vem dos negros. E todo mundo sabe que preconceito racial existe até os dias de hoje.

O segundo motivo é algo um pouco mais grave, embora sua ação seja bastante subjetiva: a influência cultural da América do Norte, dos Estados Unidos, sobre diversos povos. No caso do Brasil, existe uma forte tentativa de influenciar a nossa cultura através de seu aspecto religioso. Até alguns anos atrás, convivíamos pacificamente com outras religiões extremamente ortodoxas. Hoje, vemos a súbita proliferação de novas seitas, cuja essência não se sabe qual é, embora se saiba qual é o seu objetivo: coibir todo e qualquer tipo de manifestação da cultura nacional.

Se as pessoas prestarem atenção, todas as novas religiões (ou seitas) que estão surgindo nos últimos anos condenam todo e qualquer tipo de prática religiosa estranha aos seus dogmas, seja ela folclórica, ritualística ou histórica. Esse movimento, sutil, chega ao ponto de, em determinados livros, omitir qualquer tipo de participação ou importância histórica do negro no Brasil. Isso, a meu ver, é extremamente grave, e não somente para o candomblé.

Se antigamente a religião dos negros sofria repressão, a princípio em termos raciais, hoje podemos constatar que esse preconceito busca fazer com que o negro brasileiro perca toda a sua cultura, como aconteceu em parte com os negros norte-americanos. Isso é um processo lento, mas extremamente perigoso. Nos dias de hoje, é cada vez mais comum ouvirmos: *Tudo que é do negro é coisa do diabo*. Isso foi o que aconteceu durante o período de colonização da América do Norte e o resultado foi este: os negros norte-americanos foram completamente desestruturados em termos de cultura e de religiosidade próprias.

É exatamente isso que o Império tenta fazer em termos de Brasil, ou seja, dizimar principalmente as bases da nossa cultura, porque todo mundo sabe que um povo sem tradição é um povo bem mais fácil de ser dominado.

***Recentemente, foi aprovada uma lei que obriga as escolas públicas a ensinar a História da África nas salas de aula, no Ensino Fundamental. Qual é a sua opinião sobre isso?***

A meu ver, tudo que é imposto é tendencioso e perigoso. Acredito que o país deve ser livre, as pessoas devem ser livres e cada um deve buscar o aspecto religioso que mais lhe convém. O aspecto do negro, a influência do negro, enquanto cultura, não precisava ser imposta, porque *é um fato*. Então, a ideia de se transformar esse *fato* em lei é uma atitude, a meu ver, no mínimo absurda. Se o objetivo é fazer com que as crianças conheçam a *verdadeira* história dos negros em nosso país, bastaria que se ensinasse realmente a História do Brasil, mas não com omissões de fatos que só servem para deixar o povo mais perdido a cada geração.

***Qual é a conduta que se deve ter num ilê axé?***

A conduta correta, em primeiro lugar, é seguir as diretrizes da casa com a qual a pessoa está se relacionando, ou se correlacionando. Toda casa de candomblé tem as suas doutrinas, seus dogmas e suas diretrizes. Quando se reúnem, num mesmo lugar, pessoas de vários locais, etnias e classes sociais, é difícil colocá-las num mesmo patamar. Mas essas pessoas têm que entender que, quando se dirigem a uma casa de candomblé, seu objetivo deve ser cultuar o seu duplo astral, o seu orixá, a sua divindade, ou seja, aquilo em que (supostamente) acreditam. Por esse motivo, os conceitos de fé, respeito e religiosidade devem ser vistos de forma mais concreta.

Hoje em dia pode-se observar que determinadas pessoas chamam o candomblé simplesmente pela sílaba "blé". Eu já tive oportunidade de observar isso. Ora, se uma pessoa chega ao ponto de

se referir assim, desrespeitosamente, ao local onde pratica sua religião, onde cultua seu orixá, essa pessoa está, no mínimo, na religião errada. É contraditório ela mesma desdenhar e diminuir aquilo em que diz acreditar. Então, seus valores morais, espirituais, religiosos e éticos estão completamente distorcidos.

No meu entender, a conduta do indivíduo deve ser, no mínimo, limpa e transparente, desde antes de entrar na casa de candomblé até o momento em que passa a pertencer à mesma.

***As gafes: o que não se deve fazer numa casa de candomblé?***

Vamos, agora, discutir o comportamento dentro de uma casa de candomblé. Infelizmente, as pessoas cometem muitas gafes. Uma das coisas mais reparadas nas casas é a etiqueta; por isso, é tão importante saber como se comportar numa casa de santo, seja na sua ou em alguma outra que esteja visitando. Afinal, observar as gafes também é importante para que se possa aprender o que é certo.

Infelizmente, podemos citar várias gafes, algumas delas muito comuns e que acontecem a toda hora.

- Não receber as visitas de forma adequada, de modo que se sintam excluídas.
- Chegar atrasado a uma festa de candomblé e fazer questão de ser anunciado.
- Interromper o bom andamento de um xirê somente por ter necessidade de chamar a atenção por algum motivo.
- Babalorixá/iyalorixá ir à casa de santo de seu filho e querer tomar conta do xirê, deixando-o constrangido.
- Ir para o candomblé de terceiros somente com o intuito de reparar os atos que são efetuados naquela casa.
- Após o final da festa, beber de forma desregrada, causando constrangimento às pessoas presentes.
- Mulher ir ao candomblé usando calça comprida, bermuda ou macacão e querer entrar na roda a todo custo.
- Ir ao candomblé, para jogo ou festa, vestindo preto.
- Entrar numa roda de candomblé sem ter recebido convite para a mesma.

- Filho de santo atravessar a roda pelo meio: isso é muito grave, pois é considerado mau agouro. Significa que vai haver um corte ou uma morte na casa. Cortar o círculo da vida, “a roda do candomblé”, só é tolerado por pessoas que não pertencem àquela casa ou ebé porque elas têm que entrar pelo meio para cumprimentar o axé e os ogãs.
- Tomar bebida alcoólica e “dar santo”.
- Iaô “dar santo” e o orixá dele pedir para ser “vestido”.
- Santo de iaô sair cumprimentando e abraçando as pessoas.
- Abiãs e iaôs interromperem a conversa dos mais velhos.
- Fumar na presença do babalorixá ou da iyalorixá.
- Abiãs e iaôs sentarem em cadeiras na presença do babalorixá, iyalorixá, dos mais velhos de sua casa ou de pessoas de fora.
- Ouvir “tocar para o seu orixá” e permanecer sentado.
- Não tomar a bênção ao babalorixá ou à iyalorixá quando se está “tocando” para o orixá dele (ou dela).
- Chegar da rua e não saudar a Casa de Exu.
- Deixar roupas no varal após o anoitecer é muito grave e muito perigoso; passar por baixo de varal também.
- Falar com outra pessoa com uma faca na mão ou apontar a faca para alguém.
- Andar pelo ilê com faca apontada para o céu.
- Falar alto, correr ou gritar dentro da casa de candomblé.
- Ir pela primeira vez em uma casa de candomblé e “dar santo”.
- Retirar as anáguas ou as saias pelas pernas.
- Outra gafe muito observada diz respeito aos ogãs embriagados, tocando para orixá.
- Outra gafe ocorre quando um “mais velho” chega em sua ilê e acaba querendo se “apossar” da festa; pior ainda quando nem pertence à sua nação.
- Ogã subir aos atabaques e começar a cantar cantigas de forma errada.
- Ogã descer dos atabaques e começar a dançar no meio da roda das baianas.
- Pessoas mais velhas que, com a desculpa de ajudarem o babalorixá ou as pessoas da casa, insistem em fazer orôs de sua na-

- ção. Por exemplo: quando uma pessoa “bola para o santo” e o convidado quer fazer o orô de angola, mesmo sendo a casa de ketu. É gafe séria as pessoas se aproveitarem dessas situações para aparecer.
- Gafe séria é ser chamado para tirar o nome do iaô e não saber como proceder, ficar perdido, com o adjarim na mão, no meio da roda, sem fazer a cerimônia convencional.
  - Outra gafe acontece quando a iyalorixá mais antiga chega à sua casa e quer se sentar na sua cadeira (do babalorixá/iyalorixá).
  - A precedência é coisa muito importante, mas poucos sabem como agir quando há pessoas mais velhas na assistência. Gafe das mais sérias é um babalorixá chamar uma pessoa que não é a mais velha entre os seus convidados para tirar o nome de um iaô. Ou, ainda, dar o iaô para alguém de outra nação, tendo pessoas de sua própria nação presentes à festa.
  - Não é obrigatório chamar alguém de fora para tirar o nome do santo, mas faz parte da boa educação.
  - Gafe séria é servir ogãs sem usar bandeja.
  - Servir babalorixás ou iyalorixás sem bandeja e em copo de plástico.
  - É gafe séria pessoa de fora pegar o adjarim da casa por conta própria, pois o correto é esperar que alguém da casa o ofereça, e isto acontece quando é para dançar com o orixá somente. Acabou de dançar, devolve logo.
  - É gafe horrível iaô que se passa por egbomi em roda de Xangô, pois corre o risco de “dar santo” e passar vergonha diante de todos. O xére, os chifres e os adjarins só devem ser oferecidos na roda a pessoas graduadas. Tem muito iaô que se aproveita nessa hora para “dar uma de egbomi”.
  - Outra gafe é ir para o candomblé usando botas e dez pares de brincos nas orelhas. Quando o orixá vira, quer que tire tudo, dando trabalho às pessoas da casa.
  - Gafe horrível é levar na bolsa os panos da costa ou qualquer outro objeto da casa visitada.
  - Abiãs e iaôs nunca devem tomar a bênção aos mais velhos sem se abaixar.